O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 15 DE NOVEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:315

E' um dos nossos correspondent s em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — Anselmo Braamcamp.—A nossa politica.—Triumpho da justiça.—Anarchia em Goes. Noticias do Estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Os partidos politicos em Portugal.—Azeitão: Paço dos Aveiros em suas relações com a historia.—O convenio com a Companhia Real dos caminhos de ferro.—Patriotismo do clero hespanhol.—O sultão e a justiça em Marrocos.—Carta de Valle de Besteiros —Secção official.—Bibliographia.—Bibliotheca Historico Politica.

AVEIRO

Anselmo Braamcamp

Passou na segunda-feira ultima, o 8.º anniversario da morte d'este illustre parlamentar e estadista, honrado e venerando chefe do partido progressista.

Recordando o seu nome e a sua historia, a provada abnegação e civismo com que servio o seu paiz e o seu partido, cujas tradicções immaculadas, o seu dignissimo successor mantem a toda a altura, e cuja influencia augmenta com o prestigio do seu caracter e o valor dos seus actos, prestamos ao glorioso campeão da Liberdade, um sagrado tributo de amor e de justiça.

Descance em paz a sua alma, sempre boa e sempre grande, que jámais a sua memoria abençoada, esquecerá aos que o pranteiam.

O nosso esclarecido collega do *Correio da Tarde*, consagra-lhe, no seu artigo editorial d'esse dia, o seguinte artigo, que transcrevemos na integra:

«Faz hoje oito annos que falleceu em Lisboa o illustre parlamentar e estadista o sr. conselheiro Anselmo José Braamcamp, o honrado e prestantissimo patriota que foi successor do nobre duque de Loulé na chefatura do partido progressista e que com tão provada abnegação e desinteresse soube manter immaculadas as tradições d'esse partido, augmentando-lhe o prestigio e a influencia.

Recordando a sua acrisolada dedicação patriotica, os seus levantados sentimentos liberaes, a sua indiscutivel e indiscutida probidade, a alta comprehensão que teve sempre dos seus deveres, que soube cumprir com a mais nobre lealdade, invocamos a edificante lição dos seus exemplos para que nos sirvam d'incentivo na defensa do regimen representativo ameaçado novamente pela mais audaciosa e impertinente das oligarchias.

O povo portuguez conhece bem o partido progressista, porque o tem visto sempre a seu lado, na prosperidade como na adversa sorte, sabe que elle nunca protraiu os seus deveres nem abusou dos principios liberaes, que corajosamente defendeu nos campos de batalha, nas luctas da imprensa e da tribuna, e que a sua fé democratica não se tem amortecido nem elle a sacrificou uma só vez. Partido essencialmente popular, nunca esqueceu a sua origem. Pode e deve confiar n'elle.

São decorridos oito annos sobre o fallecimento do nosso venerando e prestigioso chefe e n'este lapso de tempo nem uma só vez elle pôde estremecer na sepultura por lhe havermos esquecido os conselhos ou olvidado os exemplos. Se elle e os gloriosos marechaes do partido progressista podessem por um momento volver á vida, reconheceriam que os seus herdeiros lhe souberam addir a herança e se mantiveram em tudo e por tudo dignos d'elles. Hoje, mais do que nunca, nos sentimos *identificados com a sua obra* de justiça e de liberdade.

Não houve soldados mais briosos, cidadãos mais honrados e mais dignos, patriotas mais sinceros e mais briosos, do que elles. A dynastia, nunca teve amigos mais devotados e mais leaes, nem o paiz servidores mais zelosos e mais desinteressados. A sua grande força, esteve sempre na austeridade do seu caracter, na nobilissima isenção do seu proceder, na firmeza, na correcção e na energia com que sempre salvaguardaram os interesses do povo e os interesses da liberdade. E os que vivem hão de sempre honrar os que morreram!

A nossa politica

A politica portugueza chegou a um periodo de decadencia que é uma vergonha aos olhos das nações visinhas.

A infeliz Hespanha, luctando constantemente com os horrores de grandes catastrophes, com a guerra e com a dynamite.

A França, ennodoando as paginas da sua historia com a *lama do Panamá*. Nós, luctando com um *deficit* horroroso; sem o credito, o peior de todos os males; com as finanças, cada vez mais embaraçadas, e, luctando, com uma politica indicifravel, sem que se possa saber qual será o dia d'ámanhã.

Depois dos ministerios extrapartidarios, que deixaram de si a mais caricata memoria, depois do consulado do sr. Dias Ferreira, veio o actual ministerio mostrar-nos uma perfeita oligarchia. Apoiado pela opposição que lhe concedeu carta branca, para não lhe crear embaraços, o actual ministerio tem vivido na mais santa paz, apesar dos nichos e synecuras da Junta do Credito Publico, das manobras do outomno que custaram mais de cincoenta contos de réis, e de muitos outros esbanjamentos, a opposição tem'o acompanhado com todo o carinho, para evitar embaraços, e para que a corôa não tenha que luctar com a formação de gabinetes, constantemente.

Depois de tudo isto, e tendo o partido progressista sido um verdadeiro amigo do governo, surge-nos agora o sr. ministro do reino, querendo, por faz ou por nefaz, fazer eleições!

Isto não se comprehende.

Que medo pode ter o governo da opposição se ella não lhe criou embaraços? Quer escolher deputados da sua feição? Não os tem lá? Tem. Se ha alguns descontentes, esses são em pequeno numero e não terão pezo nas votações. Que quer, pois, o sr. ministro do reino? Quer fazer politica como o sr. Lopo Vaz (de saudosa memoria), que fez uma politica a seu bel prazer, creando comarcas em todos os circulos em que lhe convinha? Quer talvez supplantar o sr. Julio de Vilhena? Que quer s. ex.ª?

Ninguem o comprehende, e estamos certos que o illustre presidente do conselho, a quem fazemos a maior justiça, não ha-de querer subscrever a um disparate de tal natureza, que pode chamar-se um golpe d'estado.

Mas o partido progressista, fiel ás suas tradicções, não pode, não deve, nem quer, sugeitar-se humildemente a esse ukase do sr. ministro do reino, e ha-de oppôr-se com toda a coragem a um acto da sua politica obnoxia, e impossivel.

O paiz tem gosado uma paz octaviana, mas se o governo quizer levar ávante o seu projecto de eleições, pode estar certo de que não as ha-de fazer sem que se reaja como em 1846 contra esse insulto ás nossas mais queridas liberdades.

Fazer eleições sem ter levado um cheque, sem ter o menor ressentimento da opposição, contando este com uma maioria como se pode entender que se pretenda fazer mais eleições e gastar contos de réis, no momento em que se pedem tantos sacrificios ao povo, em que se augmentam fabulosamente os impostos, em que os empregados publicos vivem na maior das penurias com os seus grandes descontos?

Isto não pode ser.

Cruzámos os braços ao desperdicio de tantos contos de réis nas manobras; ficámos silenciosos com as prelendas da Junta do Credito Publico, mas perante as intenções do sr. ministro do reino não ficaremos, e contem comnosco.

Triunfo da justiça

Por accordam proferido hontem, a Relação de Lisboa determinou que a senhora Condessa de Penha Longa entrasse na posse immediata de todos os bens de seu marido, para proceder, como cabeça de casal, ao respectivo inventario e partilhas.

E' mais um triunfo que a illustre espoliada conseguiu sobre os intruzos, que por artes conseguiram apossar-se d'uma das maiores fortunas que n'este paiz se tem accumulado.

Receba s. ex.ª os nossos parabens, que são sinceros e justificados.

Anarchia em Goes

Sob este titulo o nosso muito presado collega, *Tribuno Popular*, escreve:

AO EX.mo SR. GOVERNADOR CIVIL

E' extraordinariamente revoltante e censuravel o que se tem passado no concelho de Goes, depois que indignamente exerce as funcções de administrador substituto, *sempre em exercicio*, um discolo e audacioso criançola, sem instrucção nem educação, leviano, inconsciente e sem a menor comprehensão do cargo que desempenha, dando largas aos seus pessimos instinctos de turbulento, rancoroso e vingativo!

Quando tão vergonhosa e disparatada nomeação se fez, logo aqui notámos os seus graves inconvenientes, não só para o infeliz concelho de Goes. que immerecidamente assim ia ser lançado n'uma acirrada lucta politica de vinganças e odios pessoaes acobertados sob a bandeira da auctoridade, mas tambem para o illustre chefe do districto, que condescendendo benevolamente com os empenhos para a sabida *negociata* de tão insolita nomeação, muito teria de que se arrepender pelos desgostos que ella lhe havia ds dar.

Infelizmente, os lamentaveis factos que se tem dado, em breve justificaram as nossas previsões, e o sr. conselheiro Neves e Sousa, que temos por um magistrado digno e illustrado, incapaz de auctorisar ou transigir com escandalosos abusos, prepotencias, illegalidades e desaforos, que enxovalhem e enlameiem o prestigio da auctoridade, como os que se tem praticado em Goes, já deve estar bastante edificado para adquirir a certeza de que não foi nem é, por accinte pessoal ou facciosismo politico, que nos revoltámos e censurámos energicamente, como ainda hoje o fazemos, a inconvenientissima nomeação de um funccionario perigoso, doido varrido e portanto irresponsavel, e que pelos seus precedentes era o *unico* individuo da localidade, que por honra e interesse do partido regenerador, nunca podia nem devia ser nomeado administrador de Goes.

Do concelho aonde tão conhecidas são as suas proezas, artes e manhas de processos politicos indecorosos e inadmissiveis, só proprios de quem não tenha nem senso commum, nem escrupulo, e nem o devido respeito por qualquer logar que exerça, como sempre tem provado pelo seu espirito irrequieto de larvado exaltado e furioso, o referido admiuistrador, lançando a desordem, a intriga, o tumulto e a anarchia em tudo que entre, malquistando-se com todas as auctoridades locaes, sendo odiado por uns e desprezado por outros, dos seus adversarios, o que não admira, mas até acremente censurado pelos proprios correlligionarios! Ora para tremendo castigo injustificado, dos habitantes de Goes, já basta de substituto *effectivo*, ex.mo sr. governador civil.

Em nome dos nossos amigos politicos, que tanto e com tanta razão se teem queixado e cuja paciencia tem limites; em nome da paz e socego d'aquelle desventurado concelho, flagellado constantemente pelas violencias, escandalos e arbitrariedades, ora ridiculas ora vexatorias, d'aquelle tiranete de papelão, que envergonha o logar, e que constitue um perigo permanente para a segurança publica, que com tal auctoridade nenhuma garantia offerece, pedimos providencias a v. ex.ª!

Mas promptas, e energicas como o caso merece, para que se evitem mais desordens e scenas violentas vergonhosissimas, como as que ultimamente se tem dado n'algumas repartições e em serviço publico, e de que sabemos s. ex.ª tem inteiro conhecimento, pelo que é desnecessario relatal-as aqui.

E' uma vergonha, e póde ser uma desgraça, que taes occorrencias se repitam! Os animos estão exaltados, e os graves conflictos dos ultimos dias, entre funccionarios, provocados pelas imprudencias da auctoridade, que devendo ser tolerante e cordata é a primeira a promover a desordem e a ameaçar tudo e todos, escudada na força do cargo, e na impunidade do abuso, esperançada, em que o sr. governador civil, por *politica* tudo desculpará, não podem, nem, devem continuar!

Ninguem melhor do que s. ex.ª o ponderará, como é justo.

Depois, já mal se póde tolerar, que estando a residir na terra o administrador effectivo, e sem impossibilidade alguma de servir o seu logar, continue em exercicio effectivo e como se fosse o proprietario, um substituto tão *prendado* e em quem concorrem as distinctas qualidades administrativas e de boa auctoridade que o sr. conselheiro Neves e Sousa, decerto tem apreciado no seu conspicuo delegado, em vista dos acontecimentos occorridos em Goes, e de que deve ter conhecimento.

Ficamos hoje por aqui, esperando confiados em que o illustre chefe do districto proverá de remedio como lhe cumpre e sabe, os males e erros de que com tanta razão se queixam os habitantes de Goes, já victimados pela terrivel crise agricola n'um anno tão mau como o que vae correndo, para que ainda tenham a soffrer mais a calamidade perigosissima d'um administrador de concelho, sem egual, que póde ser origem de conflictos e desordens lamentaveis, que possam fazer derramar sangue e custar vidas, como ia succedendo ha poucos dias, e de que já por outras vezes tem havido ameaças.

Simplesmente exacto. Ao que acaba de dizer o nosso esclarecido collega, nos associamos nós sem nenhuma restricção.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

As noticias de Hespanha, dizem apenas que a guerra com os Riffes, continua, havendo bombardeamento de parte a parte, sem resultado definitivo, por emquanto.

Do Rio de Janeiro, tambem não adiantam nada as noticias que d'alli se recebem, mantendo-se os combates entre os dois campos—Floriano e Barbosa.

CARTA DE LISBOA

14 DE NOVEMBRO DE 1893.

O sr. José Luciano de Castro deve chegar n'um dos dias proximos a Lisboa. O illustre chefe do partido progressista pede instantemente aos seus amigos que não façam nenhuma demonstração á sua chegada. Sem a certeza de que as suas indicações serão seguidas, o illustre homem politico não dará dia certo para a sua chegada. E' mesmo possivel que chegue quando menos o esperem, antecipando-se ao dia que estava marcado—quinta-feira proxima.

— Falla-se hoje muito em crize com fundamento no desaccordo que parece manifestar-se entre os srs. presidente do conselho e ministro do reino, visto que o primeiro se oppõe tenazmente á ideia de dissolução, e o segundo põe sobre a medida a sua pasta. Ha de triunfar n'esta questão o sr. presidente do conselho, cuja sensatez o seu procedimento mais uma vez confirma. Veremos no que isto dá, mas a ser verdade o que se diz, a crize está aberta e terá de resolver-se pela sahida do sr. João Franco. N'este caso o ministerio dará todo a sua demissão, e o sr. Hintze será de novo encarregado de formar ministerio. A chegada do illustre chefe do partido progressista apressará qualquer resolução. Espera-se por isso com anciedade a sua vinda.

— Da administração da fazenda publica dá-nos noticia exacta o augmento do nosso debito ao Banco de Portugal. Quando o sr. Fuschini subiu ao poder, em 22 de fevereiro, devia o thesouro ao Banco de Portugal reis 32.408:856$886; pelo balancete publicado em 18 de outubro ultimo, deve 35.508:604$795 reis; logo tem o sr. ministro da fazenda, em 9 mezes, apenas augmentado a divida áquelle Banco em 3.098:747$909 reis. Isto diz muito, diz tudo sobre o modo porque o illustre financeiro socialista tem gerido a fazenda publica.

— Não tem passado melhor n'estes ultimos dias o sr. conde de Valenças. Os seus amigos, em cujo numero tenho o prazer de contar-me, sentem que os soffrimentos de tão honrado e prestante cidadão se dilatem, e fazem ardentes votos porque se restabeleça dentro de poucos dias. De grande prazer seria ainda para os seus amigos vel-o de novo enfileirado no partido politico que foi seu berço, e que ainda hoje — posso affirmal-o—é sua crença mais viva. Pequenas differenças o affastaram do grupo que lealmente serviu. Ha de restituir-se-lhe, porque é um caracter nobre em que só predominam a mais austera probidade, a fé e as crenças.

— Como se esperava, a Relação decidiu hoje a questão que se pleiteava entre a senhora Condessa de Penha Longa, e seu irmão e sobrinho, o conde do mesmo titulo. A Relação deu o direito a quem o tinha. A illustre Senhora triunfou e vae por isso tomar posse da grande casa que seu marido deixou. E' de crer que já não encontre tudo. A decisão do tribunal tem sido geralmente elogiada. A decisão foi por unanimidade, sendo juizes os srs. Miranda, relator, Abranches, e Pereira.

—Estão na capital o nosso prestante amigo sr. José Maria d'Abreu Freire e sua ex.ma esposa. Noivos ainda, noivos muito queridos, vieram passar aqui a sua lua de mel. Suas ex.as teem sido cumprimentados por todas as pessoas que tem relações com seu ex.mo sogro e pae, certamente um dos caracteres mais lidimos da camara electiva, um dos mais prestantes e honrados cidadãos d'esse districto. Que as auras da mais completa ventura assistam inalteravelmente aos jovens viscondes de Barcar—que o são já por merito e herança.

— Por decreto do governo, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes foi julgada fallida, e uma commissão officialmente nomeada tomou conta dos seus haveres, administrando a. O tribunal commercial já deu o seu veredictum com o fundamento de que a Companhia havia cessado pagamentos, etc. O decreto do governo sobre o assumpto é o seguinte:

«Sendo o governo crédor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes por avultadas quantias, achando se de facto a mesma Companhia em suspensão de pagamentos e havendo-se feito ao juiz do Tribunal do Commercio de Lisboa a devida communicação; hei por bem nomear, nos termos do artigo 8.º e seu § 1.º do decreto de 9 do corrente mez, uma commissão para administrar a referida Companhia e praticar todos os demais actos para que lhe dá competencia o mesmo decreto, composta dos conselheiros Frederico Gusmão Correia Arouca e João Marcellino Arroyo, ministros de Estado honorarios, e conselheiro Ernesto Madeira Pinto, director geral dos correios e telegraphos, representantes do governo; do conselheiro Antonio Maria Pereira Carrilho, Manuel Paes Villas-Boas e Manoel de Castro Guimarães, administradores da Companhia; e de Victorino Vaz Junior, Albert Lechat, Heinrich Hohenemser, respectivamente representantes dos crédores portuguezes, francezes e allemães; os quaes terão como presidente o primeiro e escolherão de entre si o vice-presidente.»

A seguinte é a sentença pronunciada hoje no Tribunal do Commeccio ácerca da Companhia Real dos Caminhos de Ferro:

«Vistos os autos em officio que em 11 do corrente mez communicou o ministro e secretario de Estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, a este juizo, em conformidade do disposto no n.º 2.º do artigo 4.º do decreto de 9 do mez corrente, publicado no *Diario de Governo* de 11, para os effeitos declarados no mesmo numero e os mais mencionados no decreto:

Que o governo é crédor da Companhia Real dos caminhos de Ferro Portuguezes por uma somma muito avultada;

Que a referida Companhia Real suspendeu o pagamento das suas obrigações desde janeiro de 1892; e não está habilitada a satisfazer todos os compromissos e obrigações contrahidos, como se mostra do relatorio do conselho de administração e do parecer do conselho fiscal, apresentados em assembleia geral da mesma Companhia em 1 de outubro de 1892 e, estando provado o facto de cessação dos pagamentos da Companhia n'esa mesma data, o governo, em virtude do § 1.º do artigo 8.º, vai nomear a commissão a que se refere o corpo do mesmo artigo;

E attendendo a que no n.º 2.º do artigo 4.º do referido decreto de 9 do corrente mez, referendado pelo presidente do conselho de ministros e ministros e secretarios de Estado de todas as repartições, manda que n'este caso seja immediatamente declarada pelo juiz sómente, sem dependencia de outra formalidade, a cessação de pagamentos, que é estado differente do anterior e porventura preventivo da fallencia das Campanhias de esta natureza, conforme o novo direito creado pelo mesmo decreto publicado pelo governo, fazendo em parte uso da authorisação concedida pela carta de lei de 27 de julho ultimo;

Attendendo a que o governo declarou logo fazer uso da faculdade que para o mesmo caso lhe concede o § 1.º do artigo 8.º do mesmo decreto, nomeando uma commissão a quem compete administrar a empreza por conta da Companhia e elaborar e propôr os accordos necessarios para a reconstituição da mesma Companhia, a fim de poder se evitar a fallencia;

Declaro em estado de cessação de pagamentos a Companhia Real dos caminhos de Ferro Portuguezes, para os effeitos legaes e nomeadamente os do artigo 4.º e os do artigo 5.º e seus numeros do mencionado decreto.

Publique-se e registre se, dando-se logo vista ao ministerio publico.—Lisboa, 13 de novembro de 1893.—Juiz presidente, 1.º substituto, *Carlos J. de Oliveira.*»

— Tem sido muito mal recebida a exclusão do sr. conde de S. Januario da commissão do caminho de ferro, de que tão honrada e dignamente fez parte. O sr. conde foi posto fóra da commissão para ser substituido pelo sr. Manuel de Castro Guimarães, cuja auctoridade não poderá nunca equiparar-se á do illustre excluido.

— Falleceu aqui hontem o sr. Manuel Maria de Quintella Emauz, que fora advogado muito distincto e uma das praças do batalhão academico que em 1846 e 1847 melhores serviços prestou á causa liberal, que com os Cabraes pleitearam os patuleias. Atacado de uma apoplexia fulminante, quando transpunha os claustros da Boa Hora, cahiu redondamente no chão expirando logo. E' mais um liberal que succumbe.

— Parece que vae organisar-se a companhia do caminho de ferro denominada do Valle do Vouga, mas que, pela fórma porque fazem os estudos, será tanto de Valle do Vouga, como são portuguezes os caminhos de ferro da Russia.

— Os escrivães de fazenda haviam pedido que se lhe concedesse a faculdade de transmittirem telegrammas, nas cousas de officio, sem pagamento de taxa. O pedido foi indeferido.

— Foi prorogada por mais 12 mezes a construcção do ramal do caminho de ferro de Coimbra a Arganil.

— O imposto dos fosforos rendeu no trimestre findo em 30 de setembro, 68:564$934 reis. O do alcool produziu mais de 200:000$000 reis.

Y.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE.—Aos srs. assignantes a quem ha tempo enviamos recibo, áquelles que ainda não satisfizeram as importancias n'elles consignadas, pedimos ou a remessa logo, ou a devolução d'esses recibos. E' obsequio que pedimos com a mais delicada instancia.

Conselheiro José Luciano.—Deve chegar ámanhã á sua casa da capital o nosso illustre e respeitavel amigo, sr. conselheiro José Luciano de Castro. O prestigioso e nobre chefe do partido progressista é esperado pelos seus amigos com anciedade.

O *Campeão das Provincias* associa-se com enthusiasmo á merecida e significativa manifestação dos seus correligionarios politicos ao eminente estadista e seu glorioso e querido chefe.

Notas da carteira.—Esteve ha dias em Anadia, de visita ao illustre chefe do partido progressista, o sr. conde de Castello de Paiva, muito digno par do reino, um dos caracteres mais sympathicos, mais importantes e mais dignos d'esta patriotica e honrada agrupação politica.

— Não tem passado bem n'estes ultimos dias o nosso muito presado amigo e illustre chefe do partido progressista no concelho d'Albergaria, sr. Bernardino Maximo d'Araujo e Albuquerque. Cumprindo dever de velha e sempre provada amizade, fazemos instantes votos pelo seu prompto restabelecimento.

— Adoeceu ha dias, a mãe do nosso estimavel amigo e illustrado professor, sr. Antonio Maria dos Santos Freire. Sentindo-o, fazemos votos sinceros pelo restabelecimento da respeitavel e estremecida mãe do nosso presado amigo.

— Está melhor dos seus incommodos, o que estimamos, a virtuosa esposa do nosso bom amigo, o sr. Francisco de Rezende.

— O illustre deputado da nação e nosso muito prezado amigo, sr. desembargador Castro Mattoso, que foi a Lisboa ha poucos dias em serviço do seu paiz, regressa brevemente á sua casa da Oliveirinha, onde se demorará até ao fim do mez.

— Já regressou da praia da Figueira, onde esteve a banhos, á sua residencia parochial, o respeitavel sr. prior de Oliveira do Bairro.

— Regressou tambem da praia da Torreira á sua casa de Alumiar, o sr. commendador Manuel da Silva Mello.

Bibliotheca municipal.—Como referimos em tempo, o sr. dr. Alvaro de Moura propôz na sessão de quarta-feira proxima passada que, sendo a instrucção a mais solida garantia da ordem social, porque refreia as paixões e cria a prudencia, a previdencia e a reflexão; e sendo certo que as bibliothecas publicas são em todos os paizes conhecidos consideradas como importantissimo instrumento do seu desenvolvimento, e porque em Aveiro não existe nenhum estabelecimento d'esta natureza, que facilite a instrucção popular creando o gosto pela leitura; que a camara municipal d'este concelho crie uma bibliotheca com o triplice caracter de escolar, popular e pedagogica, lançando no futuro orçamento geral uma verba auxiliar para este fim, e officiando a todas as pessoas que se entender poderem auxilial-a com donativos de livros e ao governo sollicitando a remessa dos que na imprensa nacional e differentes ministerios existem e que foram publicados a expensas do estado. S. ex.ª offereceu tambem desde já para a mesma cem volumes. A camara agradeceu a valiosa offerta, e votou a proposta por unanimidade, como era de esperar. Nós louvamos tambem a lembrança e a iniciativa do illustrado vereador.

Escola industrial.—Baixou aqui a portaria do sr. ministro das obras publicas, que concede á camara municipal d'esta cidade o auxilio pedido para o estabelecimento da escola de desenho industrial, na secção *Barbosa de Magalhães* do Azylo-escola districtal. Ficando satisfeita assim uma das promessas do sr. ministro das obras publicas, cumpre á camara cuidar de montar sem demora aquella escola, o que decerto fará, pois que tão necessaria é para o desenvolvimento artistico.

No lyceu d'Aveiro.—Devem este anno completar os seus estudos no lyceu d'esta cidade, entre outros applicados estudantes, os srs. José Luciano de Castro Côrte-Real, Alexandre Corrêa Telles d'Albuquerque, Bernardo Gomes de Pinho, Manuel d'Almeida Rino, Manuel Maria Almeida d'Eça, Antonio Joaquim de Andrade, Manuel Sabino Cardoso, Manuel da Silva Larangeira e Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Bombeiros voluntarios.—Fez, no sabbado proximo passado, exercicio publico, á noite, na rua de Jezus, a humanitaria companhia dos bombeiros voluntarios d'esta cidade.

O ataque, habilmente dirigido pelo digno commandante da companhia, sr. Carvalho Branco, foi feito no magestoso edificio do Collegio de Santa Joanna, entrando em combate todo o material. Entraram n'elle já alguns dos novos bombeiros auxiliares, rapazes de excellentes aptidões e d'uma grande força de vontade, executando algumas manobras com reconhecida habilidade. Em todos os sabbados que o tempo o permitta, a companhia continua n'estes uteis exercicios.

Julgamento.—Está muito demorado ainda o julgamento dos comprometidos no assassinato e roubo do padre Maio. Pelo que nos dizem d'Albergaria, a demora procede de estar ainda para resolver um recurso na Relação do Porto e tambem porque as audiencias geraes n'aquella comarca só serão abertas em maio. A demora no julgamento d'este processo não póde deixar de desgostar os que desejam ver devidamente castigados os auctores de tão horroroso crime.

Outro.—O do dr. Urbino de Freitas deve verificar-se effectivamente no dia 20, se antes lhe não fallecer uma filhinha que está phtysica e proxima a expirar. N'este caso terá logar novo adiamento, pois que a lei concede 8 dias de nojo aos reus, como a todos os cidadãos.

O preço das remissões.—E' de 150$000 réis o preço das remissões no presente anno. Se, como no anno anterior, o governo reduzisse a taxa a *80$000 réis*, grande numero de mancebos se remiriam, e os cofres publicos lucrariam muito com esta contribuição voluntaria.

Feira dos 13.—Realizou-se na segunda-feira, na Vista-Alegre, aquelle importante mercado annual, que foi muito concorrido, tanto de compradores, como de gado suino, principalmente porcos cevados, que se venderam por bom preço. Appareceram excellentes exemplares, que obtiveram o preço de 10 e 12 libras.

Mercado de gado.—Começa a ter mais procura o gado bobino. Dos diferentes pontos do paiz, onde ha feiras, as noticias que se recebem, são de que o gado sobe de preço. Influe n'isso o bem que o tempo corre para as ervas e a certeza de que a entrada do gado hespanhol, não veio influir nada nos valores das nossas creações. Por emquanto, pois, não correm mal as cousas por este lado.

Cheia nos rios.—Vão outra vez cheios o Agueda, o Vouga, o Certema e o Antuam. Subiram com as chuvas que teem cahido e que promettem continuar. Vae por isso cheia a ria d'Aveiro, o que seria um bem para a barra se a reforma dos redentes do norte estivesse mais adiantada; para que a corrente das aguas na descida podessem produzir o effeito desejado, preciso era que a obra estivesse mais adiantada. Infelizmente que não é assim.

Pesca da ria.—Com as aguas do monte, os trabalhos de pesca teem agora produzido mais. O peixe do rio, por conseguinte, não falta no mercado. De inguias, principalmente, não se pode dizer que haja escacez, sendo os preços rasoaveis.

Naufragios.—No sabbado passado, ás 5 horas da tarde, deu á costa nos baixios da barra de Villa Nova de Portimão, a chalupa *Amizade*, d'esta praça, propriedade do nosso amigo, sr. Manuel dos Reis, Antonio Francisco Teixeira e Elias dos Santos Gamellas. A tripulação, composta de marinheiros d'esta cidade e de Ilhavo, salvou-se felizmente na lancha, mas com bastante custo.

— Tambem em Villa Nova de Portimão, em uma lingua de terra, já dentro da barra, encalhou o cahique portuguez *Senhora da Graça*, que ia de Villa Real de Santo Antonio, com carga de sal, atum e mobilias. O casco considerava-se perdido, caso o mar não abonançasse.

— Em Peniche, deu tambem á costa o batel *Luz do Mar*, n.º 117, com 14 homens de tripulação. Tinha a bordo 4 praticos da Ericeira. O barco soffreu avarias. Salvaram-se todos.

— Um telegramma anuncia ter naufragado na costa de Portimão, no sitio dos *Tres Irmãos d'Alvôr*, o hiate *Pires*, mestre Antonio d'Oliveira da Velha, que partira de Villa Real de Santo Antonio. A tripulação metteu-se na lancha, mas esta ficou fundeada ao largo, não podendo acercar-se de terra por causa da agitação do mar. O despacho é datado de 12 do corrente, e diz que se julga impossivel salvar a pobre gente. Na praia grande quantidade de povo afflicto, por não poder soccorrer os naufragos. O hiate estava sem lastro. Afinal salvou-se a tripulação, mas o barco está feito em pedaços.

O frio.—Sente-se já por toda a parte um frio glacial. Estranha-se e com razão o facto, porque d'uma temperatura tão frigida em meiados de novembro, não ha noticia. Vem temporão, e denota isso que alguma alteração houve no regimen da terra, que motiva o caso que succede.

Jardim publico.—A camara mandou proceder á pintura das grades do jardim publico e do corêto do mesmo jardim.

Charangas.—Foi reorganisada a do regimento de cavallaria n.º 9. E a do 10, que é a unica que falta-quando o será?

O S. Martinho.—Passou quasi desapercebida a noite, que os amigos da boa pinga consagram ao seu patrono.

Desapparecimento.—Ha 8 dias, que desappareceu d'aqui, João Simões Soromenho, proprietario d'uma taberna sita proximo da estação do caminho de ferro, deixando bastantes dividas.

Descaminhos.—Consta que teem desapparecido entre as estações do correio do Porto e Coimbra, algumas cartas, com cedulas e notas.

Partidos medicos.—Perante a camara de Penedono está aberto concurso para provimento de facultativo, com o vencimento annual de 400$000 reis.

— Está aberto concurso para provimento do partido medico d'Aljustrel, com o ordenado de 600$000 réis.

Noticias da Bairrada.—A' chuva, que tem cahido abundantemente nos ultimos dias, succederam rigorosos dias de frio, que nos fazem lembrar que estamos já em pleno dezembro. Os campos teem apparecido cobertos de neve.

— Estão vendidas quasi todas as adegas de vinho n'esta região, mediando o seu preço entre 1$500 e 1$700 reis os 20 litros. Nas tabernas está-se vendendo tanto o novo como o velho a 40 réis os 4 decilitros.

— Partio para o Gavião, o sr. dr. José Caetano Rebello, de Famalicão.

— Continua bastante doente, o sr. Joaquim Affonso d'Almeida Coutinho, abastado proprietario d'Anadia.

— A corrente de emigração para o Brazil, que durante a revolta no Rio de Janeiro tem estado paralisada, recomeçou agora com grande intensidade. Agentes ha por aqui, que teem para embarcar no primeiro paquete, 10 e 12 passageiros.

Noticias de Penafiel.—Em 14.—Principou a feira denominada de S. Martinho, e, diga-se a verdade, principiou bem por que tem havido muitas transacções em gado. Da especie bovina appareceram exemplares notaveis. A melhor junta de bois que alli appareceu vendeu-se por 345$000, ou sejam 71 moedas, e 4$200. Deviam ser bons. Appareceram mais exemplares notaveis que se venderam por preços menores, mas tambem elevados. De 300$000, de 260$000, e 250$000 réis, appareceram bastantes. E' n'aquella parte do paiz onde apparece ainda o melhor gado e mais nutrido.

De gado cavallar ha grande quantidade na feira, e bastante se tem vendido, mas n'esta especie os valores teem diminuido bastante. Apesar d'isso ainda ha muito quem pague por bom dinheiro os melhores exemplares que se apresentam. Para a remonta da cavallaria fizeram-se bastantes compras. Em todos os mais objectos que alli se expõem á venda ha bastantes transacções.

O tempo é que tem corrido mal, quasi sempre chuvoso e frio; apesar d'isso a concorrencia de compradores não affrouxa e a feira terá de ser boa.

Noticias d'Agueda.— São da *Soberania* de 12 as seguintes:

Um pequeno incidente com o *Rei de Portugal*, do commando do nosso amigo e conterraneo Augusto Cura. A bordo d'este vapor chegaram no dia 21 ao Rio de Janeiro os generaes Xavier da Camara, Roberto Ferreira e João Cruz Tavares, de regresso de uma commissão. Com elles chegou tambem um tenente reformado da armada Brazileira que declarou ir juntar-se aos revoltosos. Ao fundear o *Rei de Portugal*, aproximou-se d'elle uma lancha de revoltosos, com dois officiaes, tripulada por marinheiros todos armados. Os dois officiaes entraram no vapor do commando do nosso amigo onde o tenente reformado denunciou aos revoltosos os tres generaes que já demandavam a terra n'uma lancha com a bandeira portugueza hasteada. Foi então que a lancha d'aquelles se approximou da nossa, dando voz de prisão aos generaes vindos da commissão, Estes protestaram energicamente, e o commandante da corveta *Mindello*, depois de ter ouvido os seus companheiros da esquadra extrangeira, ancorada no porto, foi entender-se com os revoltosos, depois do que vieram para terra, em liberdade, os officiaes presos.

—Estão-se realisando com admiravel precisão todas as indicações feitas por Leon Hermoso com referencia ás modificações athmosphericas da presente quinzena. Geadas,neves, chuvas, ventanias, baixas temperaturas. Hoje, um dia de verdadeiro inverno. As chuvas cohem vigorosamente. O vento sul sopra com estranho ruido. Parece que o ceu se dez-faz em aguas e temporaes.

Roubo importante em Extremoz.—Os larapios introduziram-se uma d'estas noites em casa de uma viuva, que vive no monte da Boa Vista, proximidades de Extremoz, e roubaram um bahu contendo boas roupas e dinheiro em libras, no valor de 3:450$000 reis, afóra uns brincos e um annel de bastante valor. Na manhã seguinte foi encontrado a pouca distancia da casa da viuva, o bahú aberto, ainda com as roupas, que os gatunos desprezaram. Os larapios, que segundo todas as indicações deviam conhecer muito bem a casa, entraram ali fazendo um furo na porta com uma grossa verruma. As auctoridades procedem a averiguações.

Juizes de paz e substitutos.—Eis a lista dos juizes de paz e substitutos, ultimamente nomeados para a comarca de Vouzella:

Alcofra:—Juiz, José Baptista Giesta; primeiro substituto, Firmino Marques Correia; segundo substituto, Manuel Marques do Coval.

Arcozello das Maias:—Juiz, José Tavares Ribeiro da Silva; primeiro substituto, Manuel Ferreira Lopes, segundo substituto, Antonio Francisco do Quental.

Cambra:—Juiz, Manuel Pinheiro; primeiro substituto, José Fernandes Pereira de Campos; segundo substituto, Antonio Fernandes Paranho.

Compia:—Juiz, Manuel Gouveia de Almeida; primeiro substituto, José João Dias; segundo substituto, Antonio Rodrigues de Almeida.

Oliveira de Frades:—Juiz, José Gonçalves de Almeida; primeiro substituto, José Fernandes Augusto; segundo substituto, José Ferreira d'Almeida e Silva.

Queirã:—Juiz, José Francisco Pires; primeiro substituto, Antonio José Marques Guimarães; segundo substituto, Bernardino Marques Figueirol.

Vouzella:—Juiz, João d'Almeida e Sousa; primeiro substituto, José Fernandes Amaral; segundo substituto, Manuel d'Almeida Costa Casaes.

Facto historico.—Porque é S. Martinho Padroeiro dos bebados? Era S. Martinho bispo de Tours, quando se apresentou ao imperador Maximo (no anno 383 de Christo) a sollicitar ajuda para edificar um mosteiro. O monarcha recebeu-o com o mais profundo acatamento, conferiu-lhe todas as distincções,sentou-o á sua meza com os personagens mais illustres da sua côrte, e deu-lhe a direita. Quando se principiaram a encher e a servir os copos, ordenou o imperador que se entregasse ao bispo o copo que tinha de lhe ser offerecido, a fim de lograr a honra de recebel-o das suas mãos; e que todos com elle monarcha dirigissem brindes, una voce, bebendo á suade do bispo, em demonstração de regosijo, por terem na sua presença um varão cheio de sabedoria, virtudes e sanctidade provada. Isto foi, pois, o bastante para que os invejosos de tamanhas honras chamassem á bebedice —*Martinhada;* e os beberrões, fundando-se n'este facto, tomaram por seu padroeiro o Sancto bispo. S. Martinho distinguia-se por sua immensa caridade e milagres que o sanctificavam aos olhos de todos, attributos que os inimigos da fé praguejavam e invertiam a seu modo, com as mesmas allusões d'aquel' outros invejosos. Nós com quanto catholicos,como nos presamos de ser tomamos ainda a S. Martinho para orago da bebedice, fazendo d'este modo lembrar o calumnioso epitheto que outr'ora lhe deram; mas a razão é que, sendo festejado no dia 11 de Novembro, epoca da fermentação dos vinhos ter já cessado, prestando-se elles ao conhecimento da sua qualidade, ha n'aquelle dia entre as familias do campo uma festa de regosijo, de herança avoenga e legado no rifão:—«Em dia de S. Martinho prova o teu vinho.»— E com effeito n'este dia solemne devassam-se adegas, furam-se toneis e pipas, bebe-se e come-se á tripa forra, começando-se pela prova e fidando-se muitas vezes pela bacchanal fazendo-se galla de quanto se tem custosa e suadamente adquirido e enceleirado.

A dynamite em Barcelona.—*Barcelona 8,150 da madrugada.*— Durante o primeiro quarto de hora que se seguiu á explosão não appareceu no theatro Liceu auctoridade alguma. O abandono em que ficou o publico foi completo. Não havia alli nem policia, nem auctoridades. Vi oito mortos horrivelmente mutilados. Muitas senhoras que vestiam de branco sahiram do theatro com as *toilettes* manchadas de sangue. Uma d'ellas tinha a luva da mão direita e o braço empapados em sangue. A indignação é geral e os protestos unanimes. Em Barcelona este acontecimento causou impressão superior a tudo quanto se possa imaginar e a quanto se possa dizer. O panico é enorme. Tambem se censura a falta de presteza da policia em acudir ao theatro. Quando se espalhou a terrivel noticia da catastrophe, o publico abandonou os outros theatros, dirigindo-se para o Liceu. As Ramblas estavam áquella hora cheias d'um povoleu enorme. Nas estações para carros que ficam ao lado do passeio central das Ramblas, havia mais de 400 carruagens que esperavam pessoas que estavam no theatro. Ouve-se nas Ramblas o ruido d'um vozerio ensurdecedor. As pessoas informadas do succedido, gritam, protestam e formulam justas e terriveis ameaças contra os anarquistas. N'este momento accodem forças de infanteria dos quarteis proximos.

3,30 da madrugada.— N'uma casa de soccorro agonisam tres feridos, sendo inuteis para elles o auxilio da sciencia. Fizeram-se mais prisões e a policia encetou com grande actividade a sua campanha. Foi preso um conhecido anarquista italiano na escadaria do theatro e, por suspeita foi preso outro na Rambla.

A esposa do secretario do governo está ferida no rosto. A's duas horas e meia da madrugada ainda estavam no theatro o governador e as outras auctoridades. Falleceu em sua casa, para onde a levaram terrivelmente ferida, a esposa do capitalista Moreu. Uma pessoa que assistiu ao exame medico d'aquella desventurada senhora, diz que ella tinha no corpo mais de duzentas lesões. Tambem morreu outra senhora que residia na rua de Lauria e que tinha ido ao espetaculo a instancias de algumas pessoas amigas.

12,30 *da tarde.* — O anarchista italiano preso na escadaria do theatro e que se suppõe implicado no attentado chama-se Alberto Saldani. O seu aspecto é o do revolucionario imaginado pelo vulgo: corpulento, de physionomia carregada e dura. bigode espesso e negro, abundante cabelleira que lhe cahe sobre os hombros. Deve ter 40 a 45 annos. Veste pobremente e traz uma camisa suja e desabotoada. Tem o typo de um d'esses caldeireiros hungaros que percorrem as povoações de Hespanha. Por occasião dos acontecimentos de 24 de setembro ultimo, foi tambem preso por suspeito. Agora apparece nos registros da policia com outro nome.

Ha outro preso que chama Juan Aragon. Veste um jaquetão escuro, muito usado. Representa ter 47 annos de edade. E' fraco, de estatura regular, rosto energico, bigode meio grisalho. Exerce o officio de padeiro. Declarou que tinha ido ao Liceu assistir ao espectaculo da galeria do quinto andar, e que, quando se ouvira a detonação, descera a toda a pressa para prestar soccorro ás victimas. Mostra-se sereno e affecta a maior tranquillidade. Quando foi preso levava um abrigo de senhora e dois guanda-chuvas. Intorrogado sobre a procedencia d'esses objectos, disse:

— Um dos guarda-chuvas é meu. O outro e o abrigo foi-me entregue por um sujeito desconhecido.

Confirma-se ter-se encontrado ao italiano Saldani um lenço que parece ter impressas as extremidades dos pistões d'uma bomba que não fez explosão e que foi encontrada no theatro. Sem duvida levava n'aquelle lenço a terrivel machina infernal. Essa bomba foi encontrada sobre o cadaver da sr.ª Guardiola.

1,20 da tarde. — A esposa de D. Eduardo Mas, que recebeu espantosas feridas, morreu no theatro sem ter sido possivel menistrar-lhe os ultimos sacramentos. A irmã da *prima-donna* Mauri Demosini morreu apenas chegou ao quarto que occupava no Hotel Falcon. Não proferiu uma unica palavra. Olhava para a irmã, com os olhos muito fixos, como se quizesse despedir-se d'ella. A *prima-donna* gritava afflictivamente no meio de ataques nervosos proferia por entre soluços.

Ah! La povera mia madre!

Entre as muitas pessoas curadas no theatro figura o sr. Guardiola, que tinha a sobrecasaca empapada em sangue. Recebeu um grave ferimento no pescoço. Dizia-se que entre os destroços das cadeiras despedaçadas pela explosão, tinham sido encontradas intactas mais tres bombas.

Ignora-se se é exacto este boato.

9 da noite.— O general Martinez Campos visitou em nome da rainha as familias dos mortos e dos feridos. Depois teve uma conferencia com o governador civil e com o juiz do processo.

11 da noite. — Foram presos ha pouco cinco anarchistas. A's primeiras horas da noite tambem foram feitas mais prisões. Em Sarriá e San Martin de Provensalo fazem-se activas e rigorosas pesquizas.

As auctoridades guardam grande segillo porque assim comvem para o exito das suas diligencias.

Segundo os dados que me foram fornecidos, morreram 20 pessoas. Ha sete feridos graves e 16 leves, afora mais alguns que recolheram a suas casas nos primeiros momentos da catastrophe. Quando no theatro, teve logar a espantosa explosão, os espectadores, horrorisados, lividos, correram atropeladamente, procurando as portas de sahida. Outros, mais atordoados pelo effeito da explosão ficaram como que petrificados, sem saber para onde se haviam de dirigir. N'esse numero, havia muitas senhoras que cahiram com desmaios. A grande maioria do publico da plateia, saltando pelas cadeiras até ás portas, pisavam uns, atropellava outros e conseguia ganhar as sahidas, passando por cima dos cadaveres e tingindo de sangue a roupa. A confusão era horrivel, para o que contribuiu ter se apagado pelo effeito da explosão, uma parte das luzes da sala. Tambem foi preso o anarchista Bautista Berrera. Já anteriormente tinha sido capturado por causa da explosão da dynamite que houve na praça Real. Foi representante dos anarchistas de Barcelona nos congressos de Madrid e Yaen. Depois do criminoso attentado a Rambla, offerecia um aspecto verdadeiramente extraordinario. Havia alli muitas carruagens, uma infinidade de macas que iam e vinham, conduzindo mortos e feridos e uma multidão enorme, entre a qual se viam grande numero de senhoras e cavalheiros da aristocracia catalã, vestidos de baile, aquellas com as *toilettes* cheias de sangue e estes apresentando tambem signaes da horrorosa catastrophe na roupa e nos peitilhos da camisa. Uns traziam ligaduras na cabeça e na cara, lenços nos braços, coxeando uns, gemendo outros e todos andando vagarosamente a pé para alcançarem as suas carruagens, que não se tinham approximado do theatro, por não ser ainda a hora de terminar o espectaculo. Nunca se presenceou na capital da Catalunha, um espectaculo mais triste e um quadro mais tetrico. Todos os jornaes de Barcelona, sem excepção condemnam energicamente tão selvagem attentado.

Entre os mortos conta-se uma senhora recemcasada, que tinha ido com o marido passar a lua de mel a Barcelona. Estavam alojados no hotel das Quatro Nações.

Diz-se que no quinto andar do theatro foram encontrados uns impressos em que se affirma que o attentado obedece á vingança que os anarchistas juraram tomar pela morte de Pallás. Tambem n'esses impressos se affirma que se repetirá nos outros theatros o mesmo que succedeu no Lyceu.

Em signal de luto, todos os theatros suspenderam os seus espectaculos.

Esta noite falleceu no seu domicilio, um individuo que, no momento da catastrophe, foi accomettido d'uma congestão. Calcula-se que nas diversas casas da cidade ha mais de cem feridos.

Foi preso o companheiro Llunas, director do periodico anarquista *La Tramontana.* Tambem fôram presos os anarquistas Clyment, Oller, Longas, Morato, Paladicin e Arago (francez). que o alcaide manifestara ao governador, dois ou trez dias antes do terrivel acontecimento, que ha quatro annos que os anarchistas tinham o proposito de fazer explosir no Lyceu, na inauguração da epoca lirica, um petardo. Em seguida a este aviso, que infelizmente se confirmou, recommendara a mais rigorosa vigilancia. Este ultimo conselho, parece que não foi seguido como devia ser.

Um individuo que estava sentado á frente, na quarta ordem do theatro, affirma ter visto cahir um objecto que, a principio tomou por um binoculo dos que se usam no theatro, e que era sem duvida uma das bombas. Bateu na cabeça d'uma senhora, explosindo immediatamente. Em alguns dos cadaveres, vêem-se ainda riquissimos joias, que as familias se recusam a receber.

O anarchista preso Elberto Saldani, tem cahido em repetidas contradicções. A crença geral, é que foi elle quem atirou a bomba. Saldani, foi quem ha tempo promoveu a *grève* dos marmoristas.

A familia do joalheiro Panear, sahiu illesa da catastrophe, mas quando chegou a casa, encontrou o estabelecimento roubado, na importancia de seis contos de reis.

O commerciante Eugenio Guillo, morreu repentinamente, quando lhe deram a noticia da catastrophe.

A amante de Saldani, sendo interrogada, fez um depoimento muito differente d'aquelle, que affirmou que nunca sahia de casa á noite, porém está averiguado que na noite do crime, dissera elle que ia á Sociedade dos soccorros aos operarios doentes.

Aos anarchistas, está-se fazendo uma guerra sem tréguas. Nem todos julgam que se está na presença d'uma conspiração anarchista muito ramificada. Ha quem julgue que o attentado é obra d'um grupo de ladrões que pretendesse aproveitar a confusão para levar a effeito os seus malificios.

O conselho de ministros, reuniu desde ás 6 horas da tardde até ás 9 da noite. A' parte o denegar dois indultos pedidos para sentenciados á morte pelo tribunal de Manilla, occupou-se o conselho, unicamente de duas questões —o anarchismo e a guerra. A primeira foi largamente tratada, reconhecendo os ministros, unanimemente a necessidade imperiosa de proceder com actividade e energia á repressão de toda a tendencia, propaganda, desenvolvimento e manifestação da doutrina anarchista. Um dos ministros ponderou que o crime de Barcelona, proclamava um proceder excepcional, que, no seu entender, deveria ser recebido, com applauso pelo publico; outros ministros foram de opinião que no caso actual pode applicar-se remedio energico, sem ter que modificar-se as leis no sentido que a defeza da sociedade reclama. Resolveu se, pois, que tão depressa funcionem as côrtes, seja apresentado um projecto de lei especial que declare illegal a associação e propaganda anarchista, estabelecendo para os authores de factos semelhantes aos de Barcelona, e para os seus cumplices auxiliares e encobridores, uma penalidade analoga á que está indicada para os sequestradores, na devida proporção applicavel ás diversas circumstancias em que se dê o crime; e quanto ao modo de proceder, estabelecer-se-ha o mesmo que se uza actualmente para com os sequestradores, apanhados em flagrante. Como medidas a adoptar desde já, ficou encarregado o ministro da Governação, de dirigir aos governadores, uma circular no sentido d'expulsarem do territorio hespanhol, todos os estrangeiros reconhecidamente anarchistas e uzarem de toda a energia e severidade, compativeis no entanto com as leis, para com hespanhoes que commettam qualquer acto que os denuncie como anarchistas. O ministro da justiça ficou encarregado d'uzar do direito que a lei lhe concede para fiscalisar os actos dos tribunaes, com respeito á maneira d'applicar as penalidades do Codigo nos processos contra anarchistas; nomear juizes especiaes, quando o julgue conveniente, e substituir os funccionarios judiciaes que não cumpram com os deveres que a sua missão lhes impõe.

Um drama d'amor.—Toda a imprensa franceza occupa-se de um caso de policia realmente curioso. Uma joven artista dotada d'uma rara formosura, appareceu ha alguns dias bastante nervosa no commissariado da policia onde narrou o seguinte:

Ha alguns mezes, mademoiselle Adila Parentie, é como se chama a artista, filha d'um alto funccionario da prefeitura do Sena, encontrou á saida d'uma academia de pintura, d'onde era alumna, um esbelto moço que lhe dirigiu a palavra. Mademoiselle Adila seguiu o seu caminho sem lhe responder, mas o desconhecido perseguiu-a até o seu domicilio, rua Richer, e ahi ameaçou-a de fazer escandalo se ella insistisse em não responder aos seus galanteios. Mademoiselle Adila Parentie resolveu então dar alguns passos ao lado do desconhecido que lhe fallou logo em casamento. Do seu pae, grande negociante de Milão, disse que se chamava Maderno e que estava em Paris para se aperfeiçoar no francez. Um dia, Maderno conseguiu attrair mademoiselle Parentie para sua casa, d'onde ella saiu já sua amante. As relações continuaram ao principio sem nuvens, mas, com o tempo, Maderno tornou-se muito ciumento e a vida tornou-se insupportavel á sr.ª Parentie, que resolveu não tornar a vêr o seu amante. Porém, tres dias depois, Maderno encontrou-a na rua, forçou-a a entrar para uma carruagem, e deu ordem ao cocheiro para s guir para a rua de Berry onde ella morava.

—Uma ultima entrevista, exclamou elle a ultima, mas que eu te veja ainda uma vez, e que estajamos sós. Adila deixou-se dominar pelas supplicas e consentiu em ir passar ainda alguns instantes com elle que ella amava com um amor tão profundo como o que elle lhe havia confessado; isto confirmam mais de 30 cartas de Adila que se acham em poder da justiça. Quando chegaram a casa, Adila mostrou-se muito alegre, cheia de enthusiasmo, e, a pedido do seu amante, sentou-se ao piano, e executou, com certo brilho, muitos trechos em moda e especialmente o *souvenir et segrets.* Elle, de joelhos, ao pé d'ella, parecia que estava em extases.

—Oh! como seria doce morrer em um momento d'estes! exclamou elle.

E forçando-a a levantar-se, arrastou-a para o quarto da cama. Ahi aguardava-a um espectaculo aterrador. Aqui e acolá estavam dispostos sobre o soalho, seis fogareiros cheios de carvão de madeira prestes a serem acêsos. Ao lado achavam-se *bouquets* de flôres com cheiro muito penetrante.

—Pois bem! E' a morte que se apresenta a teu olhos. E' insupportavel esta minha ixistencia, resolvi morrer comtigo. Diz: queres? Aterrada com esta horrivel visão, Adila tentou fugir. Elle embargou-lhe a passagem e arrastou-a para o meio do quarto. Uma vez que te aterra este genero de morte, lhe disse elle, aqui está um revolwer. Vou matar-te e farei em seguida saltar os miolos. Juntando o acto á palavra Maderno apontou a arma á pobre Adila e fez fogo. Por um movimento feliz ella conseguiu desviar a bala. E foi o proprio assassino que ficou ferido no braço. Porém, essa ferida insignificante não demoveu Maderno do seu proposito. Tinha Adila em seu poder e queria que morresse comsigo.

Vendo-se perdida, a desgraçada recorreu ao ardil. Fingiu resignar-se á sua sorte, mas com a condição de lhe consentir que fosse primeiro a sua casa para fazer desapparecer alguns papeis que podiam, depois da sua morte, manchar lhe a memoria.

—Sim, sim, teus razão, disse lhe ella lançando-se-lhe nos braços, amámo-nos muito para que um possa viver sem o outro. Nada é mais sublime do que a morte de dois apaixonados. Deixa-me ir até minha casa. Voltarei n'um instante. Tenho empenho em vestir-me toda de branco para morrer.

Maderno deixou-se convencer, e Adila partiu. Mas em vez de se dirigir para sua casa, metteu-se n'uma carruagem que a conduziu ao commissariado de Mourgeses, onde narrou a historia espontosa que acabamos de reproduzir. Nas buscas a que se produziu em casa do pretendido Maderno verificou-se a verdade—os preparativos do quarto para a morte por asfixia.

O pretendido Maderno que já se acha preso é um tenente desertor do exercito italiano que se chama Garacaglia. Negou primeiro tudo, mas afinal confessou a intensão de morrer com a sua amante.

OS PARTIDOS POLITICOS EM PORTUGAL

1830-1832

II

(Continuação)

Em 15 de março de 1830 installou-se finalmente a regencia na Terceira, e em seguida nomeou Abreu e Lima seu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Londres e na mesma qualidade em Pariz a D. Francisco de Almeida. Estes dois diplomatas julgaram conveniente para a regencia, que os emigrados residentes ainda em Inglaterra França e Belgica lhe prestassem juramento de obediencia e reconhecimento, medida que nada mais fez do que dar occasião a protestos, e portanto a maior vehemencia e vigor á opposição, que havia contra o marquez de Palmella e o seu partido, olhando is o como um meio de os obrigar a não reconhecer outro algum governo, que por entura apparecesse no paiz, por effeito de alguma revolução contra D. Miguel.» (Soriano).

Parece que tudo se congregava para dar armas aos *saldanhistas* contra a regencia. Esta querendo mostrar á Europa que não estava de braços crusados, e que dispunha de força bastante para sustentar o estandarte da liberdade apesar de innumeras contrariedades que lhe surgiam de todos os lados emprehendeu nos primeiros mezes de 1831 uma expedição ás ilhas de oeste. Do commandante em chefe da expedição foi encarregado a pedido seu o conde de Villa Flôr. A primeira ilha atacada foi a do Pico que não offereceu sombra de resistencia. Seguiu-se-lhe a ilha de S. Jorge, onde já foi necessario combater, mas que cahiu do mesmo modo em poder das forças constitucionaes. Devia seguir-se-lhe a conquista do Fayal, mas os temporaes que a principio paralisaram as operações militares foram depois secundados por uma especie de receio que se apossou do conde de Villa Flôr ao saber que na bahia do Fayal havia apparecido inesperadamente uma corveta miguelista. O conde de Villa Flôr pretextando a necessidade de augmentar as forças que tinha deixou S. Jorge com todo o seu estado maior e dirigiu-se a Angra, onde chegou na noite de 14 para 15 de junho com espanto geral, pois suppoz-se que se havia mallogrado completamente a expedição. O procedimento do conde de Villa Flôr foi violentamente condemnado pelos restantes membros da regencia que o obrigaram a partir immediatamente para S. Jorge, d'onde depois sahiu o conde para ir occupar o Fayal e se lhe entregou sem combater. Os saldanhistas aproveitaram logo o descontentamento que se estabelecera contra Villa Flôr para dirigir as mais rudes censuras contra a regencia procurando-o ao mesmo tempo realisar uma revolta cujas consequencias seria a substituição d'ella pelo seu chefe o general Saldanha, assassinando-se para isso o marquez de Palmella e expulsando-se da ilha José Antonio Guerreiro. Um dos chefes da projectada revolução era o magistrado José Jacintho Valente Farinho. Quem informou o governo de que se conspirava contra a sua existencia foi o capitão de infanteria n.º 18 Antonio Ferreira Borges. Além de Farinho entravam na conspiração diversos officiaes, alguns dos quaes bem como aquelle magistrado foram obrigados pela Regencia a deixarem a ilha.

Não cabe nos estreitos limites d'este esboço, sobre os partidos politicos em Portugal, o acompanhar a historia da emigração em todas as suas peripecias, por isso para o nosso fim basta dizer que D. Pedro, tendo sido obrigado a deixar o Brazil, desembarcava em 12 de maio de 1831 n'um porto de França acompanhado por sua esposa a imperatriz Amelia e sua filha a rainha D. Maria II. Foi então muito discutido sobre qual fosse a direcção politica que D. Pedro tomaria, uns diziam que elle se retirava por completo á vida privada indo viver como simples particular em Munich, outros que pretendia assumir novamente a corôa de Portugal. Aquelle boato encheu de desgosto a maioria dos emigrados, e,este levantou logo energicos protestos d'uma parte d'elles. Parece que nem um nem outro tenham demasiado fundamento.

D. Pedro pouco depois da sua chegada a França dirigiu-se a Londres «onde foi quasi exclusivamente rodeado, escreve Soriano, pelos quatro individuos João da Rocha Pinto, Francisco Gomes da Silva, José da Silva Carvalho e Luiz Antonio d'Abreu e Lima, os quaes tiveram desde então toda a preponderancia e dominio nos seus conselhos publicos e privados.»

A scisão no partido liberal em vez de acabar com a vinda de D. Pedro augmentou mais. Alguns dos que se acercaram d'elle aconselhavam-lhe insistentemente, segundo diz, para que assumisse novamente a corôa de Portugal, isto levantou a desconfiança e collocou-lhe em opposição aberta os saldanhistas que a succeder aquillo ficariam ainda mais distanciados do poder além do muito que já o estavam. D. Pedro não seguiu o caminho que alguns dos seus aulicos lhe traçaram, pois em vez de rei limitou-se a querer ser regente durante a menoridade de sua filha. Isto mesmo desagradou aos saldanhistas, que contra a nova auctoridade vieram logo protestar. Estes protestos, porém, foram em grande parte motivados pela escolha da gente que D. Pedro chamou para o seu lado, como foram o marquez de Palmella, Candido José Xavier, e José Xavier Mousinho da Silveira. Apesar d'este ultimo não era tanto odiado como os dois primeiros, ainda assim não tinha as sympathias dos saldinhistas. A escolha de taes homens para seus conselheiros cavou mais funda a divisão entre os dois partidos em que se achavam divididos os emigrados. Nem um só saldanhista merecera ser honrado com a sua confiança. Os protestos dos saldanhistas contra a auctoridade de regente desencadearam-se em diatribes sem numero n'uma não pequena serie de pamphletos publicados em Pariz e Londres. A' frente d'esta cruzada collocou-se Rodrigo Pinto Pisarro que foi abrir o debate publicando a sua *Norma das regencias em Portugal.* Isto valeu-lhe uma carta dirigida por Candido José Xavier, secretario particular de D. Pedro, em que lhe declarava que ficava inhibido não só de tomar parte na expedição mas que o seu opusculo fôra remettido ao governo da Terceira para que servindo ao seu auctor de corpo de delicto fosse em consequencia preso, processado e julgado em qualquer parte do territorio portuguez em que se apanhasse, não por tratar de opiniões politicas, mas por chamar as tropas reaes á revolta. «Desde este momento, diz com muita verdade Soriano, o partido de D. Pedro e o da opposição, tornaram se cada vez mais hostis e incapazes de reconciliação.» (Hist. da guerra civil, 3.ª epocha, tomo III, part. II, pag. 147.)

As declamações dos saldanhistas não abriram felizmente brecha no animo dos heroicos defensores da Terceira, que se mostraram agora mais do nunca superiores ás rivalidades do partido, acolhendo fervorosamente D. Pedro, reinvestido já da sua qualidade de regente.

(Continua)

MARQUES GOMES.

AZEITÃO

PAÇO DOS AVEIROS EM SUAS RELAÇÕES COM A HISTORIA

XVII

As festas pomposas dos jesuitas attrahiam os desoccupados, as predicas e devoções continuas, desvairavam os espiritos. Sebastião de Carvalho, que quiz experimentar se o concurso era por fervor religioso, promoveu representações theatraes de caracter profano, e viu o numero de *fieis* diminuir e a *religião* ter sectarios menos afervorados. Malagrida,temeu a concorrencia do novo genero de espectaculos e fez representar tambem dramas de composição sua,como *Santo Adriano*—a *Felicidade de Leontina* e outros,abstendo-se ainda, por conselho de um amigo, de pôr em scena uma tragedia latina sua, intitulada—*Amans*, em que o ministro Carvalho, se reconhecia no papel de Aman, o favorito de Assuerus.

Era impertinente a teimosia de Malagrida, por isso o governo fez intervir o nuncio Acciojuoli e o provincial teve de ordenar a Malagrida a sua partida para Setubal. Malagrida mudava de theatro, scenario e actores é que não variavam. Em Setubal, fundou logo uma casa para retiro de homens e outra de mulheres, continuando os exercicios de Loyola.

Se se bania de Lisboa, o campeão esforçado do obscurantismo, o advogado solicito dos interesses da Companhia, não se extinguia o fanatismo já fortemente arreigado, nem quebravam os laços politicos entre jesuitas e as classes mais gradas, e logo que em Lisboa se espalhou a noticia de que o *santo* continuava a fazer os exercicios, muita gente correu a Setubal em demanda do seu director. As mais gradas senhoras de Lisboa, entre as quaes se distinguia a marqueza de Tavora, outros personagens de vulto na côrte, religiosos e padres concorreram a ouvir-lhe as lições».

A duqueza de Aveiro e o conde de S. Lourenço, João José Ausberto de Noronha, gentil homem da camara do infante D. Pedro, eram dos mais assiduos frequentadores dos exercicios de Setubal.

Os que pretendem tirar aos jesuitas toda a cumplicidade na conspiração affirmam que Malagrida, em Setubal, desde 1 de novembro de 1756, nunca d'alli saiu. Vou por isso segurar na escripta a parte da historia d'este jesuita, conservada tradicionalmente em Azeitão, e contraria áquella affirmativa.

Defronte da egreja da Misericordia de Azeitão, formando a esquina das ruas Direita, e da Misericordia, com frentes para o norte e para o poente, existe uma casa com agua-furtada, que por meados do presente seculo pertencia a Paulo da Maia. Este velho atravessou alegre os reinados de D. Maria I, D. João VI, D. Miguel e D. Maria II. Não sei bem se tinha tocado o reinado de D. José—é de crer, porque viveu muitos annos. Era tio universal, porque todos lhe chamavam o *tio Paulo*. Não tinha politica conhecida, e se alguma houvesse, seria a do seu tempo. Serviu a patria e a Deus, como thesoureiro de todas as irmandades. Na força da vida,trabalhou e ouviu,decrepito comeu o que adquirira e narrou quanto escutara. Era uma chronica viva do seu tempo e de todo o segundo meado do seculo XVII. Enumerava os senhores de cada propriedade, juntando uma historia a cada familia, e descrevendo quasi sempre, sob uma critica rigorosa, mordaz, ou galhofeira, os caracteres que mais o tinham impressionado.

Dizia o tio Paulo, que n'aquella agua-furtada, se alojava o padre Malagrida, quando vinha a Azeitão, ver-se com o duque de Aveiro, e narrava certas nigromancias do jesuita, com pequenas variantes das que nos conta Mary, na biographia do seu consocio. Malagrida, era visto em extasis, em que se elevava, como attrahido por força mysteriosa, punha as mãos sobre luzes e brazas sem se queimar e fazia mais outras coisas como sobrenaturaes. Isto só era visto dos crentes fieis admittidos á sua presença, porque se rodeava de mysterios e cuidados para se roubar a vistas.

A casa pertencia por então a um Fernando de Moraes Madureira Machado Pimentel, fidalgo vindo de Bragança, e ligado a uma familia distincta de Azeitão. O brasão das suas armas ainda hoje se vê sobre a entrada principal da casa. Homem desoccupado, era o logar tenente, de quantos fidalgos frequentavam a terra, representando-os em contractos, e com procuração para baptismos e casamentos. Em 8 de outubro de 1758 ainda foi, como procurador do marquez de Gouvêa, D. Martinho de Mascarenhas, padrinho de um baptisado em S. Lourenço.

Não faltavam no palacio do Aveiro, aposentos para Malagrida se alojar, mas convinha furtar-se a vistas e reparos e desviar quanto possivel as suspeitas; nada melhor, pois, do que a casa de Fernando de Moraes, pessoa de confiança, de José de Mascarenhas, e aquelle quarto, communicado com os desvãos, desviado dos mais aposentos da familia e com entrada independente. A qualidade de jesuita podia ser ignorada e o nome desconhecido, e só mais tarde revelado, pelos que frequentavam o padre e tinham tido conhecimento do seu coito.

Malagrida, como vemos, não deixou de estar em relações com os descendentes do rei D. José, e do seu governo, porque era buscado em Setubal, e vinha a Azeitão, a ver se com o duque de Aveiro, e assistir aos conciliabulos.

No dia 11 de dezembro de 1758, Malagrida foi chamado de Setubal pelo cardeal reformador, e, como nenhumas ordens n'aquelles dias de assombrosa energia, admittissem delongas na execução, pôz-se logo a caminho de Lisboa, e foi alojar-se n'uma das casas dos jesuitas. No dia 28, foi chamado á presença do visitador, que o dirigiu ao ministro Carvalho.

Anteriormente ao attentado contra D. José, o jesuita Malagrida, suppondo aterrorizar o rei, escreveu-lhe uma carta, em que lhe communicava o seu proximo fim; esta carta, ser-lhe-ia entregue por D. Anna de Lorena, dama do paço, a quem foi enviada D. Anna não acceitou a missão julgando talvez perigoso, ou pouco prudente, inconsiderado, ou louco o aviso, e devolveu-a ao seu auctor. Esta carta foi achada com outros papeis comprometedores, que Malagrida guardava.

Assim que Malagrida chegou á presença de Sebastião de Carvalho, este apresentou-lhe a carta, accusando-o por ella de conhecimento das disposições dos conspiradores. O jesuita declarou ser sua a carta, *e replicou serenamente, que uma voz interior lhe tinha dito que o rei corria perigo em epoca desconhecida para elle, e que entendeu ser seu dever prevenir sua magestade.*

Não foi longa a entrevista, voltando Malagrida a casa do cardeal Saldanha, que o mandou para o collegio de S. Antão.

Na noite de 11 de janeiro de 1759, Gabriel Malagrida, foi conduzido para o forte da Junqueira, com o provincial João Henriques e os padres José Moreira, Themoteo de Oliveira, João Alexandre de Souza e João de Mattos, todos da sociedade de Jesus.

No dia seguinte fazia-se publica a cumplicidade dos jesuitas no processo dos regicidas por sentença do tribunal.

Do forte da Junqueira, saiu Malagrida para os carceres da Inquisição e d'aqui para ser justiçado no dia 21 de setembro de 1761. Criminoso escapou ao castigo, louco foi supplicidado! Ironias do destino!

*

N. B. Não citei auctores d'onde colhi as noticias referentes a Malagrida, para não avolumar mais o escripto. *A Historia de Gabriel Malagrida*, pelo jesuita Paulo Mwry, foi que mais subsidios me forneceu. Além de obras do paiz, servi-me tambem do *Estado presente de Portugal em 1765* e da *Historio dos Francezes* por S. Sinnondi, etc.

*

FABRICA DE ALGODÕES NO PALACIO

Extincta a custodia dos jesuitas, o palacio e todos os bens dos Aveiros, situados em Azeitão, passaram a ser administrados por um almoxarife. Em 1772, tinha o arrendamento de todas as propriedades, Mathias Pereira Heitor de Macedo.

Em 1775 o governo de D. José I, concedeu o palacio e cerca, a uns Magalhães e Larcher, para fundarem uma fabrica de tecidos de algodão. A concessão foi gratuita e por tempo de 10 annos. Ignoro, porém, se este praso foi prorogado. Os registos parochiaes ainda em 1790, aqui dão um Adão Larcher, e bom numero de extrangeiros occupados na fabrica. A empresa parece que não prosperava, porque D. Maria I teve de auxilial-a com um subsidio pecuniario. Ainda assim os empresarios tiveram de abandonal-a, tomando depois conta da fabrica, Raymundo Pinto de Carvalho, guarda-mór da alfandega de Lisboa, com auxilios pecuniarios da fazenda publica e previlegios para o estabelecimento e operarios n'elle empregados. O principe, regente na demencia da rainha, confirmou os privilegios aos productos da fabrica e isentou os operarios do serviço das ordenanças.

Durante a empreza subsidiada pelo Estado, havia junto d'ella um superintendente, ou commissario regio, denominado *juiz conservador da fabrica de Azeitão*, assim vemos nomear-se o juiz de fóra, Agostinho Machado de Faria, pelos annos de 1789 e 90.

A fabrica, tomou grande desenvolvimento na empreza de Raymundo de Carvalho. Por erros de administração, ou por outra causa qualquer, a empresa caiu com grande alcance ao Estado e o governo tomou conta do edificio e do que elle continha. Sem applicação alguma, esteve abandonado até que foi comprado com todo o machinismo por Antonio e Francisco José de Miranda, dois irmãos, que deram á fabrica, valente impulso.

Por 1824 D. João VI appareceu inesperadamente em Azeitão, destinando ir á Arrabida, e na passagem entrou na fabrica; vinha acompanhado dos infantes, d'algumas pessoas da côrte e entre estas o moço duque de Loulé, que depois veiu a desposar a infanta D. Antonia, celebrada pelas suas licenciosidades. A rainha, estava por então exilada no palacio de Ramalhão, empregando os ocios no estudo experimental da resolução de problemas sobre a propagação das raças. D. João VI, que nunca aspirou ao céo pelo martyrio, seguiu para a Arrabida, mas ao passar na baixa do casal do Bispo, aonde está o marco de partinhas dos Caracoes e Alambre, assombreada por frondosos carvalhos, viu logar accommodado para uma *petisqueira*, como agora se diria, fez estender o farnel e aqui almoçou, retrocendo por Azeitão, para Lisboa.

Os proprietarios da fabrica, Mirandas, achavam-se em Lisboa, na occasião e pezarosos de não terem recebido o rei, alcançaram por intermedio de um medico da camara real, uma nova visita de D. João VI algum tempo depois. As festas foram explendidas. No topo da estrada de Coina, ao fundo do rocio de Villa Nogueira de Azeitão, fez a municipalidade levantar um grande arco de verdura e flores, sob o qual a camara, todas as auctoridades locaes, as pessoas gradas da terra e os proprietarios da fabrica, receberam o soberano, que vinha acompanhado dos infantes e dignitarios da côrte e ahi lhe dirigiu uma allocução, o juiz de fora, presidente do senado da camara, o doutor Paulo Guedes da Silva.

Do arco á entrada principal da fabrica, que era a do palacio, formavam

alas os operarios. De um lado, os homens com bandeiras, cahindo do mais alto da haste, festões de buxo e flores, cujas extremidades tomavam dois rapazes por cada homem. Do lado opposto, as mulheres formavam como um renque de caryatides sustentando arcos de verdura e flores.

Os homens e rapazes trajavam calças brancas, fardeta azul com botões amarellos e uns gorros azues—a tira-collo tinham uma faxa, com grandes letras douradas, em que se lia—*Real Fabrica de Azeitão*. As mulheres, vestiam de branco e lenços de seda encarnada ao pescoço. Todos estes artefactos de algodão e de seda, foram manufacturados na fabrica, que então era de tecidos e estamparia.

As alas tinham sido ordenadas de maneira que os primeiros personagens, que as formavam, eram os operarios, que mais proximo da entrada trabalhavam, e que á medida que o cortejo passava, iam deixando as alas, de modo que quando o rei entrou na fabrica, já todos estavam em labutação, quer fosse tecelão, fiadeira, estampador ou outro.

Todas as despezas de recepção e aposentadoria do rei e côrte, correram por conta dos Marandas, que despenderam grossas quantias.

Para o serviço da meza, teceu-se na fabrica, crescido numero de toalhas immensas e grande copia de guarda-napos, que tinham no centro o escudo real. D. João VI, foi excentricamente prodigo de beija-mãos, testemunham quantos assistiram ás festas que o soberano, para não perder tempo, facultou aos operarios simples e a não operarios aquella honra, assentado em cadeira, nunca vista no solio!

O rei partiu de Azeitão para uma caçada no Pinheiro, propriedade que tambem fôra do ducado de Aveiro.

Na sala principal da ala poente do palacio, residencia dos proprietarios e aonde se alojou o rei, conservou-se até á morte de D. Carlota Ricarda de Miranda, viuva de Francisco José de Miranda, (1870) um grande quadro a oleo, representando os dois irmãos Marandas, Antonio; curvado e de pé, Francisco, de joelho em terra, apresentando a D. João VI, uma peça de chita e outros artefactos da fabrica. O quarto e cama, em que o rei dormiu e toda a mobilia do aposento foi sempre tambem conservada pela mesma senhora nos seus logares.

Alguns annos depois da visita real, a fabrica suspendeu os seus trabalhos, sendo, passados tempos, tomada por uma companhia. Por 1847, fechou para nunca mais laborar.

Pelo grande desenvolvimento dado á fabrica por Raymundo de Carvalho, ficou o palacio reservado á estamparia, tinturaria e outros misteres, havendo-se construido ao lado occidental do Rocio, um edificio de 80 metros de comprido, com rez-do-chão e dois andares só para o estabelecimento de teares e fiação.

Em fins do seculo passado, trabalhavam alli cerca de 400 operarios, de ambos os sexos, dos quaes muitos extrangeiros, chamados pela primeira empresa. Além d'este pessoal, trabalhava em suas casas grande numero de fiadeiras e dobadeiras de Azeitão, Cezimbra e termos das duas villas. Em 1821 a fabrica tinha suspendido os trabalhos e estas mulheres, fiavam e dobavam para as fabricas de Lisboa, voltando á fabrica de Azeitão, quando os Mirandas tomaram o edificio e empreza.

*

Tanta velharia, está mesmo a puxar um acabamento á moda antiga—*Finis laus Deo*.

J. Rasteiro.

O CONVENIO COM A COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO

Foi assignado, e o *Diario* já publicou, o decreto relativo aos negocios da Companhia Real, em harmonia com as auctorisações concedidas ao governo na ultima sessão parlamentar. Este decreto estabelece para a realisação do convenio com os diversos crédores da Companhia Real um conjuncto de disposições analogas ás da lei hespanhola, sobre companhias de caminhos de ferro, e ás d'uma proposta de lei, apresentada em 1874 ás côrtes pelo ministro Cardoso Avelino, e que chegou a obter parecer favoravel da respectiva commissão parlamentar, modificadas pela circumstancia especial que ora se dá de ser o Estado crédor por sommas muito importantes á Companhia Real, e pela necessidade reconhecida pelo parlamento na auctorisação dada ao governo de serem refundidos e remodelados os actuaes estatutos da companhia, de fórma a assegurar uma acção e fiscalisação mais effectiva do Estado, e a intervenção, tambem na sua gerencia, dos obrigatarios.

Assim, o actual Conselho Administrativo da Companhia, nomeado pelo sr. Dias Ferreira, é substituido por outro de egual numero de membros, nove, em que se acham egualmente representados os tres grupos de interesse, hoje existentes, os do Estado, os dos accionistas e os dos crédores. Essa commissão continuará a administrar a companhia até á sua reconstituição, e revendo os accordos já feitos com alguns crédores e interessados, proporá o convenio a offerecer á approvação do governo e dos crédores.

Em relação ao reembolso do importante credito do Estado, o decreto fixa as seguintes bases:

1.ª Os creditos provenientes de dinheiro, recebido do thesouro, serão pagos em moeda da mesma especie.

2.º Os provenientes da entrega de titulos externos serão pagos em oiro;

3.º O valor da moeda estrangeira e dos titulos será determinado pelos cambios e cotações dos dias das respectivas entregas feitas pelo thesouro;

4.º Nas contas correntes entre a companhia e o thesouro serão identicas reciprocamente as condições de taxa de juro e capitalisação.

Para a reconstituição administrativa da companhia mais nos consta que se estabelece que os accordos deverão garantir:

1.º O direito do Estado á remissão das linhas estatuido nas primitivas concessões.

2.º Representação dos obrigatarios na administração da companhia.

3.º Acção e fiscalisação efficazes por parte do governo na mesma administração.

4.º Direito para o governo de suspensão e annullação das deliberações da Companhia, sobre emissão de titulos, acquisição e arrendamentos das linhas, contractos de empreitadas geraes, ou de quaesquer actos de administração, contrarios ás leis, aos Estatutos, ou aos interesses do Estado.

Se o Estado exercer o direito de veto, direito que elle se reserva em relação ás convenções, na parte que lhe diz respeito, ou se o convenio fôr rejeitado pelos demais credores, estabelecem-se tambem os preceitos para a declaração da fallencia da Companhia e sua liquidação, garantindo-se tambem n'esse caso especialmente os interesses do Estado. Estas disposições ficarão sendo extensivas a quaesquer outras companhias de caminhos de ferro, na parte que lhes possa ser applicavel.

PATRIOTISMO DO CLERO HESPANHOL

O nobre clero hespanhol, que tem uma historia cheia de rasgos de dedicação religiosa e patriotica, não podificar indifferente á lucta que actualmente se fere em Marrocos, por não lh'o consentirem as suas honrosissimas tradições e os seus generosos sentimentos. Um eloquentissimo documento que abaixo traduzimos prova quanto é elevada a dedicação patriotica do clero hespanhol, que não assiste indifferente ás horas de amargura do seu paiz, antes se inflamma em nobilissimos impulsos de amor patrio.

Como o clero hespanhol, o clero de Portugal ama a sua patria como aquelles que mais a estremecem, e áquelles que todos os dias lhe declaram guerra sem treguas, guerra baixa e infame como as armas da calumnia e da injustiça de que lançam mão,—o nosso clero pode responder com uma historia brilhantissima, em que se assignalam os mais heroicos serviços á causa da fé catholica e da patria portugueza.

Sim, o heroismo e o patriotismo de sotaina pode dar exemplos de abnegação sublime, porque se traduziu sempre em factos que a historia regista em paginas douradas; porque esse heroismo e esse patriotismo não conhece limites, inspira-se no amor de Deus ligado ao amor da patria, e opera todas as maravilhas que só pode realisar quem de todos se desprendeu dos mesquinhos interesses e gosos da terra. Vejamos como, na hora em que a Hespanha pega em armas para desaggravar a sua bandeira, o sr. arcebispo-bispo de Madrid-Alcalá se dirige ao clero e fieis da sua diocese, n'uma excellente pastoral de que traduzimos alguns trechos:

(Diz isto com assento de verdade, que não se contesta, o nosso collega da *Ordem*.)

«Uma gravissima offensa em má hora feita á nossa bandeira traz hoje em commoção toda a Hespanha. O sangue de nossos irmãos iniquamente derramado cahiu como fogo ardente sobre todos os corações, e não se ouvem por toda a parte senão gritos de guerra e de vingança. O heroico povo hespanhol, que pelejou oitocentos annos pela sua honra e pela sua independencia; que, derrotado cem vezes, outras tantas se lançou ao combate; que escreveu com sangue de mouros uma epopêa sem egual, cujo primeiro canto é Cavadonga e o ultimo o campo de Granada; que varreu do seu formoso solo uma sociedade corrompida e a arrojou como escoria aos areaes da Africa,—esquece n'este momento as suas dissensões domesticas, dá treguas instinctivamente á lucta dos partidos, une todos os elementos da sua força e da sua energia, e levanta-se como um só homem contra aquelle que lhe feriu o rosto. *A Melilla!*—exclamam todos desde Tarifa até Irun. *A Melilla!* — respondem todos desde Montjuich até Badajoz. E lá correm sem detença os nossos valorosos soldados, os nossos canhões, os nossos navios, os nossos peões e ginetes.

«Abençoados os que respondem á santa voz da patria, e lhe offerecem o seu nobre sangue, e lhe sacrificam a sua vida! Irmãos e filhos carissimos; já que nós não podemos partilhar com elles tão alta gloria, nem acompanhal-os nas suas marchas, nos seus riscos e fadigas, não lhes neguemos o tributo do amor e a admiração da gratidão e louvor, das orações fervorosas. E' nossa a affrontosa nodoa que elles se propõem lavar; é nossa a patria offendida que elles taactam de defender; é nosso o solo occupado que elles intentam recobrar; nossa a bandeira insultada que elles juram enaltecer; nosso o sangue derramado que elles teem sêde de vingar. «A pericia de seus caudilhos e o valor de seus corações, a superioridade da sua raça e a segurança do seu armamento, são motivos de esperança e garantia de victoria. Mas diz-nos a Escriptura que os projectos dos homens não estão isentos de temor, e os seus mais bem formados planos não estão livres de incerteza (Sap. IX, 14), e a historia ensina-nos, com a experiencia dos seculos, que nos azares da guerra é tão desconhecido o fim como conhecido o principio. Por isso todos os povos, tanto da edade moderna como dos tempos antigos, ao encontrarem se frente a frente com os perigos da guerra, levantaram sempre os olhos para o Deus que habita no Céo, de cujo arbitrio dependem os destinos das nações, e que, senhor da victoria, concede-a a quem mais lhe apraz, segundo convém aos fins da sua universal Providencia.

Sobre a collina orava o grande caudilho Moysés, emquanto os filhos do seu povo combatiam na planicie; e a gloriosa victoria que n'aquelle dia cantou Israel, deveu-se mais ás mãos que se erguiam pedindo auxilio, que ás que brandiam a espada e semeavam a morte e a ruina. E o mais santo de nossos reis, o mais terrivel açoute da mouriama n'este nosso solo, o que quebrou as cadeias da formosa rainha do Betis, mais victorias alcançou com suas orações continuas que com a sua pericia admiravel e com o impeto dos guerreiros. Assim, pois, carissimos filhos, emquanto os nossos irmãos pelejam do outro lado do estreito, entre privações e fadigas, e perigos e sobresaltos; e emquanto aqui suspiram tantas esposas desoladas, tantas irmãs afflictas, tantas mães desconsoladas, corramos todos ao templo para orar com fervor pelo triumpho de nossas armas, para que a meia lua cáia mais uma vez e se renda ante o labaro da Cruz, para que os filhos de Christo subjuguem mais uma vez os sectarios de Matoma, para que a Hespanha de Recaredo, de S. Fernando e de Izabel conserve a honra e o prestigio, e o logar que lhe corresponde entre as nações da Europa, e para que estas de commum accordo algum dia risquem do mappa um imperio refractario a todo o progresso, para bem dos seus proprios subditos e dos infelizes negros que habitam a Africa central, e em pleno seculo XIX e ás portas de nossa casa soffrem a dôr e o opprobrio da mais dura escravidão.»

Em seguida, o illustre prelado ordena que se façam orações publicas, como sendo as mais efficazes em todas as occasiões, e especialmente quando são publicos os perigos que nos cercam.

O SULTÃO E A JUSTIÇA EM MARROCOS

O sultão, diz M. Jules Duval, em si resume todo o governo. Acima ou ao lado d'elle não ha lei escripta, nem conselho do imperio, nem ministerio, nenhuma discussão, nenhuma publicidade, nenhuma fiscalisação, nem relatorios, nem *compte-rendu* e muito menos ainda a imprensa ou outro qualquer elemento que possa molestar a sua autocracia. O sultão é o mais perfeito exemplar do poder feito homem e os seus servidores es são meros instrumentos da sua vontade. Um d'elles, que tem o titulo de ministro dos negocios extrangeiros, reside em Tanger; como todos os consules europeus, é encarregado das relações com as potencias christãs. A' frente das tropas o sultão colloca commandantes, nas cidades governadores. A uns e outros transmitte ordens directas, de cuja execução lhe dão conta. De resto, a administração é reduzida a termos quasi tão simples como o governo: Ha um chefe que administra á sua vontade, a quem todos obedecem, tremendo, sob pena de morte ou, pelo menos, confiscação de bens ou prisão.

O sultão é ao mesmo tempo juiz e legislador supremo; a justiça, porém, custa tão caro, impetrada junto d'elle, que poucos podem com as despezas. Mesmo pedida ao *pachá*, poucos a podem pagar. Ha, porém, o *cadi*, a quem se pode pedir a justiça mais barata, para o que dá audiencia todos os dias á porta da cidade. O *cadi* tem jurisdicção em materia criminal, civil e commercial. A justiça criminal é prompta e severa: a multa e a bastonada são infligidas por faltas leves: o roubo é punido com apena de mãos cortadas; o adulterio é punido severamente, mas o marido queixoso é obrigado a apresentar quatro testemunhas dignas de fé ou apanha 80 bastonadas; o homicidio paga-se com a vida, mas não se executa sentença sem o sultão se manifestar em ultima instancia.

Em Marrocos quasi todos crimes se resgatam por dinheiro.

O sultão de Marrocos descende do Propheta, por Ali e Fatima, é grande *sherif*, principe dos fieis, vigario de Deus e resume em si todo o poder espiritual e temporal. A sua vontade omnipotente é em religião, como em politica, a suprema razão.

Os principaes officiaes da côrte do sultão são: o chanceller, que é o encarregado de introduzir os extrangeiros na sala da audiencia; o *maitre* do chá, a quem cumpre provar as comidas e bebidas destinadas á meza imperial; o official que conduz o guarda-sol, signal distinctivo da soberania; o que conduz o relogio e, emfim, dois ministros: o ministro do interior, a que se chama *visir*, e o dos negocios extrangeiros, intermediario entre o sultão e os consules de todos os paizes. A policia é rigorosa e bem feita nas grandes cidades. Chama-se *hakbem* o funccionario que está á frente d'ella e que responde pela tranquillidade publica. A policia é feita por patrulhas armadas de paus com que castigam os trasgressores.

Cada provincia tem um *pachá* nomeado pelo imperador. Os pachás recebem ordens do ministro do interior e são os encarregados do governo civil e militar. De ordenado teem, apenas, 10$000 réis mensaes, mas um dos seus primeiros deveres, é enriquecerem, para o que lançam impostos de que recebem metade, guardam os presentes que lhes fazem os judeos, lançam multas a proposito de tudo e vendem os titulos de *keikes* a quem mais offerece, etc. O *koike* é o vice-governador, a que tambem se chama *califa*. Nomeado pelo pachá tambem por sua vez tracta de larçar impostos que revertem em seu proveito.

O territorio do imperio divide-se pela seguinte fórma: No reino de Fez ha as provincias de Fez, Témérena, Xiavoia, Beni-Uhasan, El Gharb, Uiaina, El Riff, Gar, Xiau, e o deserto d'Angd, que separa o Magrob dos estados de Argel. O reino de Marrocos comprehende as dez seguintes provincias: Tedla, Zérara, Ducala, Abda, Xedma, Uahha, Erhammena, Xeragua, Escura e Sus-el-Adna. Marrocos não é dividido como os estados da Europa; a sua verdadeira divisão administrativa é a tribu.

O sultão Muley Hassan deve chegar dentro de tres dias á cidade de Marrocos. As ultimas noticias que de elle tem o gabinete hespanhol alcançam a 12 de outubro, por tanto nada se sabe ainda a respeito das suas respostas ás notas que lhe foram enviadas

CARTA DE VALLE DE BESTEIROS

12 DE NOVEMBRO DE 1893.

Desde o dia 9 tem chovido torrencialmente. Esta chuva não deixa de beneficiar os campos e de ser util ás hortaliças e aos pastos.

— E' hoje em Tondella a feira denominada do Betulho, que alli costuma effectuar-se no 2.º domingo de cada mez. Costuma ser muito concorrida. Como, porém, o tempo está chuvoso, é de crer que não seja hoje grande a concorrencia.

— Acha-se gravemente enfermo o sr. Julião Maria Paes da Silva, do logar do Coiço, freguezia de Mouraz. O sr. Julião Paes é um mancebo intelligente e estudioso e muito delicado. Cursou ha pouco as aulas de theologia no seminario de Vizeu, obtendo sempre distincções e tendo sempre a consideração dos seus professores. Por todos estes motivos, é muito sentida a sua doença e geralmente desejado o prompto restabelecimento de tão estimavel mancebo.

Tambem tem estado doente, mas felizmente está quasi restabelecida, a menina Eulalia Bandeira, sympathica e intelligente filha do sr. Manuel Rodrigues Bandeira, digno professor publico da mesma freguezia.

— Já regressou de Ançã a Villa Pouca de S. Joanninho, a sr.ª D. Maria Francisca de Meirelles N. Rangel.

— A camara municipal de Tondella acaba de fazer a concessão da exploração das aguas thermaes de S. Jemil, freguezia da Lagiosa. Segundo nos affirmam, esse contracto foi feito nas melhores condições de vantagens, tanto para a camara, como para o publico.

— Já por aqui vão sendo mortos os cevados. Já vae, pois, havendo carne nova de porco e não faltam os jantares do competente *serrabulho*.

— A philarmonica do Coiço, freguezia de Mouraz, que havia ficado desorganisada pela sahida para o Brazil de alguns dos seus membros, acaba de reorganisar-se, devido isso aos esforços do seu digno regente o sr. padre João Pereira da Silva.

Tambem acada de organisar-se no Carregal do Sal uma philarmonica bastante numerosa e que brevemente sahirá a publico, tocando n'uma festividade muito concorrida.

— Já está feita quasi toda a sementeira dos trigos e centeios. Agora trata-se das pódas das vinhas. Contra a molestia do phyloxera vae cantinuando a applicar-se o sulphureto de carbone. Por emquanto as vinhas não apresentam mau aspecto.

— O vinho vae tendo procura, mas o preço ainda não passou de 2$100 cada medida de 26,880 litros, antigo almude do concelho de Tondella.

— Em Santa Combadão acaba de ser provido n'um dos partidos medicos da camara, um individuo que, segundo ouvimos dizer, teve a preferencia mais por motivos politicos, do que por deixarem de haver outros pretendentes em melhores condições. Nós entendemos que n'estas coisas não deve actuar a politica, mas sim os merecimentos pessoaes e as habilitações dos pretendentes.

— Começou e continuará durante o mez corrente, o exercicio da devoção do Rozario, na egreja de Mouraz, o que é devido ao zeloso parocho d'esta freguezia.

— Por hoje nada mais. Até á semana.

* * *

SECÇÃO OFFICIAL

MINISTERIO DA JUSTIÇA

Sendo conveniente regular o modo como os herdeiros dos condemnados, que fallecerem na cadeia geral penitenciaria do districto da relação de Lisboa, poderão receber os objectos e valores que constituam o espolio dos fallecidos: hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Logo que falleça algum réu em cumprimento de pena na cadeia geral penitenciaria do districto da relação de Lisboa, o director da cadeia ordenará que se faça uma descripção e avaliação dos objectos pertencentes ao fallecido, os quaes, juntamente com o fundo de reserva do preso, a que se refere o artigo 23.º da lei de 1 de julho de 2867, constituam o espolio respectivo.

Artigo 2.º Se o valor de tudo exceder a quantia de 200$000 reis, os herdeiros sómente poderão receber o espolio, requerendo a entrega ao director da cadeia, e mostrando-se judicialmente habilitados.

§ 1.º Se o valor do espolio não exceder aquella quantia, será sufficiente instruir a petição com attestados jurados e reconhecidos dos parochos respectivos e outros quaesquer documentos por onde se mostre que os requerentes são herdeiros do fallecido.

§ 2.º Dado este caso, o director da cadeia convocará por editos, publicados na folha official, as pessoas que se reputem com igual ou melhor direito á entrega do espolio, para que deduzam e provem, querendo, o seu direito dentro do prazo de sessenta dias.

§ 3.º Terminado este prazo, o director da cadeia resolverá a reclamação ou reclamações que houver, por meio de despacho motivado, ordenando a entrega do espolio a quem competir.

Artigo 3.º Se o pedidido do espolio não for feito dentro do praso de dois annos, a que se refere o artigo 242.º do regulamento provisorio da cadeia, approvado por decreto de 20 de novembro de 1884. a entrega sómente poderá ser ordenada pelo governo, ainda que o espolio se conserve em deposito na thesouraria da cadeia.

O ministro e secretario d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 9 de novembro de 1893. = REI. = *Antonio d'Azevedo Castello Branco*.

BIBLIOGRAPHIA

A Martyr.—Os infatigaveis editores lisbonenses, srs. Belem & C.ª, que se não poupam a exforços, a fadigas ou despezas para enriquecer o nosso mercado litterario com as melhores publicações, vão fazer agora nova edição d'este admiravel romance de Emilio Richebourg, visto que muitos dos seus assignantes lhe teem pedido para lhes fornecerem, por meio de cadernetas semanaes de 50 réis cada uma, algumas das melhores obras, já editadas, do tão celebre romancista, auctor dos romances, *A Mulher Fatal*, *A Filha Maldita*, *A Esposa*, *A Avó* e *A Viuva Millionaria*, que teem sido lidos com geral e reconhecido agrado. Animados, pois, pelo desejo de satisfazer as solicitações dos seus assignantes, que com justiça lhes teem prestado sempre auxilio, e embora tenham de fazer uma reimpressão de muitas folhas e estampas, resolveram abrir uma nova assignatura da *Martyr*, por ser este o romance que mais lhe tem sido indicado. Os dignos editores dão brindes a quem prescindir da commissão, e estes são os seguintes:

Em 3 assignaturas.—Cinco grandes vistas em chromo, proprias para quadros, representando: a Praça do Commercio, a Avenida da Liberdade, a Praça de D. Pedro, o Palacio da Pena em Cintra, e o Palacio de Crystal do Porto.

Em 5 assignaturas.—Uma collecção de 7 albuns de vistas de Portugal, publicados por esta empreza.

Em 10 assignaturas.—Um apparelho completo de porcellana para almoço de doze pessoas.

Em 15 assignaturas.—Um grande relogio de parede, kalendario, medindo 56 por 38 centimetros.

Em 30 assignaturas.—Um apparelho completo de porcellana para jantar de doze pessoas, noventa peças.

Todos os brindes são concedidos ás pessoas, tanto de Lisboa como das provincias, que se correspondam com a empreza e se encarreguem da distribuição; e serão expedidos depois de finalisada a publicação e quando a empreza tenha recebido a importancia total das assignaturas. O mesmo se dá com a expedição do brinde a cada assignante.

As condições da assignatura, são: Chromo (distribuido no fim de cada volume) 10 réis; gravuras a 10 réis; folhas de 8 paginas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa. Pagos no acto da entrega: 50 réis semanaes; 450 réis cada volume brochado. O porte para as provincias é á custa da empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente. Os srs. assignantes das provincias, que queiram economisar portes de cartas, poderão enviar quantias maiores, das quaes a empreza enviará o competente recibo na volta do correio.

A todos os cavalheiros que, como correspondentes, lhe teem dispensado a sua valiosa coadjuvação, a empreza agradece, e espera receber dos mesmos senhores a continuação dos seus favores. A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por 3 ou mais assignaturas. A commissão é de 20 por cento, e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral. N'este sentido recebem-se propostas. Pede-se que as quantias não inferiores a 1$000 réis sejam remettidas em vales do correio e não em sellos.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—na rua do Marechal Saldanha, 26, e nas principaes livrarias.

No Porto: nas livrarias dos srs. José Pinto de Sousa Lello & Irmão, José Ribeiro Novaes Junior, Viuva Jacintho Silva, Magalhães & Moniz, J. Elisio Gonçalves, e o sr. José Guimarães, rua Chã, 40, 2.º.

A Viuva Millionaria.—Como temos dito, é tambem de Emile Richebourg e dos considerados editores, srs. Belem & C.ª, este magnifico romance, de que acabamos de receber um novo fasciculo. As intimas e palpitantes commoções que a leitura d'este novo trabalho do eminente escriptor dá a quem lhe dedica o seu tempo, são na verdade agradabilissimas. Porisso o recommendamos mais uma vez aos nossos leitores, como digno que é da sua acquisição. Tambem os srs. Belem & C.ª dão como brinde a cada assignante no fim da obra, uma estampa em chromo de grande formato representando a vista geral da Praça de D. Pedro, em Lisboa.

ANNUNCIOS

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annunciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas electricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, porta-vozes, etc.

Observam-se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos do qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal | AVEIRO.

BONITO CAVALLO

VENDE-SE um cavallo, de mais da marca de quatro para 5 annos, para cavallaria, podendo servir tambem para carro. N'esta redacção se diz com quem se trata e onde pode ser visto.

aquella commissão com as suppostas illicitas exigencias do sr. presidente do conselho; mas eu vou expôr á luz clara os factos taes quaes elles são, para que o publico os avalie, estabelecendo-os em documentos officiaes, que não podem ser contestados, e que iuciuso remetto a v. para lhe dar publicidade.

Por ordem do governo foi a Academia incumbida de mandar restaurar quatro grandes paineis pertencentes ao convento de Christo em Thomar, paineis pintados a oleo no estylo de Gram Vasco, Pintor Historico Portuguez, porém pintados em madeira ha mais de um seculo, e que muito estragados pela acção do tempo estavam n'um estado de completa ruina. Tres d'estes paineis estão promptos, e o restante a concluir; e logo que acabados estejam, irão todos remettidos ao mencionado convento, para serem collocados nos seus respectivos logares. Ora eis aqui, sr. redactor, como a nossa imprensa desfigura os factos simplices e innocentes.

Approveito sr. redactor, esta occasião de manifestar o respeito e consideração com que—Sou de v., amigo muito obrigado, e criado obediente.—*Francisco Vasques Martins*.

Lisboa, 3 de dezembro de 1849.»

«Ministerio do Reino.— Segunda direcção. — Primeira repartição. — Ill.mo sr. Havendo representado o director das obras a que actualmente se está procedendo no extincto convento dos freires de Christo, em Thomar, a conveniencia de serem restituidos áquelle edificio quatro paineis em madeira, attribuidos ao Pintor Gram Vasco, que actualmente existem na Academia das Bellas Artes de Lisboa, para onde foram remettidos pela commissão dos depositos das livrarias, sendo os assumptos—a entrada de Jesus Christo em Jerusalém—a Resurreição de Senhor—a Resurreição de Lazaro — e Jesus Christo e o Centurião—e as dimensões dos quadros de dezeseis e meio palmos, por quatorze e um quarto ditos de largo; encarrega-me o ex.mo ministro e secretario de estado d'esta repartição de o participar a v. s., a fim de que haja de informar sobre a conveniencia ou desvantagem de se annuir a esta requisição. Deus guarde a v. s. secretaria de Estado dos negocios do Reino, em 14 de agosto de 1845.—Ill.mo sr. presidente da Academia das Bellas Artes.—*Visconde de Tilheiras*.

Está conforme.—*Francisco Vasques Martins*, professor, secretario da Academia.»

«Ministerio do Reino. — Segunda direcção. — Primeira repartição.—Ill.mo sr.—Em resposta ao officio de v. s., datado de hontem, encarrega-me o ex.mo ministro e secretario de estado d'esta repartição de lhe participar que Sua Magestade a Rainha houve por bem ordenar, em vista da sua informação, que os quatro paineis em madeira, existentes n'essa Academia, representando—a entrada de Jesus Christo em Jerusalem—a Resurreiração do Senhor—a Resurreição de Lazaro —e Jesus Christo e o Centurião, que outr'ora pertenciam ao extincto convento dos freires de Christo em Thomar, sejam restituidos áquelle edificio, para serem convenientemente collocados, conforme lh'o representou o inspector geral das obras publicas do reino, a quem v. s. os deverá mandar entregar, depois de haver feito restaurar aquelle d'entre os quadros que se acha deteriorado, segundo se deprehende do seu supracitado officio. Deus guarde a v. s. secretaria de estado dos negocios do reino, 28 do agosto de 1845.—Ill.mo sr. vice inspector da Academia das Bellas Artes.—*Visconde de Tilheiras*.

Está conforme.—*Francisco Vasques Martins*, professor e secretario da Academia.»

A casa, e quinta de Thomar, e a habitação do presidente do conselho em Lisboa, continuam tambem a dar aos insasiaveis calumniadores pretexto para as mais pomposas descripções. Não é portanto fóra de proposito transcrever aqui os titulos dessas tão decantadas propriedades, para o publico vêr como o embusto transforma as cousas. O castello de Gualdim Paes, o palacio da Calçada da Estrella ficarão reduzidos ás suas naturaes proporções. Examinem-se os preços porque foram *em hasta publica* compradas estas propriedades, veja-se egualmente a especie de moeda, com que foram pagas, e depois conclua se o que ha de maravilhoso em tudo isto.

«Dona Maria por graça de Deus, Rainha de Portugal e o dos Algarves, d'aquem e d'alem mar, em Africa etc. Faço saber aos que esta minha carta, de pura e irrevogavel venda, virem, que precedendo as diligencias, annuncios e solemnidades da lei e estylo, arrematou em hasta publica perante a junta do credito publico, no dia dezeseis de março de mil oitocentos quarenta e tres, o conselheiro Antonio Bernardo da Costa Cabral, por seu procurador Manuel José Gomes da Costa Junior, pela quantia de *cinco contos quarenta e cinco mil réis*, a pagar na conformidade do artigo 1.º, § 1.º da carta de lei de oito de junho de mil oitocentos quarenta e um, ácerca do extincto Convento da Ordem militar de Christo, em Thomar, que se compõe de terras de semeadura, vinha, oliveiras, pomares e horta, toda murada, pertencendo-lhe um terço de agoa que corre no aqueducto dos Pegões, e os outros dois terços á camara municipal de Thomar a quem foi concedida; parte do norte com casas do convento, e do nascente com a villa; e foi annunciada para venda na lista 283, sob n.º 5:750. E tendo o dito arrematante satisfeito no dia vinte e dois do referido mez e anno, o preço da sua arrematação, *sendo em papel moeda um conto seiscentos oitenta e um mil e duzentos réis. Dinheiro metal um conto seiscentos oitenta e tres mil e oitocentos réis, e em titulos de credores de bens nacionaes um conto seiscentos e oitenta mil réis*, como consta da receita n.º 3:388 lançada a fl. 98 do livro 2.º: Hei por bem transmittir ao mencionado conselheiro Antonio Bernardo da Costa Cabral, e seus herdeiros e successores os gozem, possuam e desfrutem como proprios. Pelo que mando a todos os ministros, justiças, que a cumpram, guardem, etc. Lisboa, vinte e dois de março de mil oitocentos quarenta e cinco.—A Rainha.—*Conde do Tojal*.—P. na conformidade da carta de lei de 8 de junho de 1845.—Florido Rodrigues Pereira Ferraz. — José Antonio Maria de Sousa Azevedo.—José Maria de Lara Junior, a subscrevi. — Antonio Caetano Machado a fez. — Pg. 11$010 réis de sêllo. Lisboa 26 de março de 1845.—Couto. —Nolasco.»

«Ministerio do Reino. — Segunda direcção. — Primeira repartição.—Ill.mo sr.—Em resposta ao officio de v. s., datado de hontem, encarrega-me o ex.mo ministro e secretario de estado d'esta repartição de lhe participar que Sua Magestade a Rainha houve por bem ordenar, em vista da sua informação, que os quatro paineis em madeira, existentes n'essa Academia, representando—a entrada de Jesus Christo em Jerusalem—a Resurreiração do Senhor—a Resurreição de Lazaro —e Jesus Christo e o Centurião, que outr'ora pertenciam ao extincto convento dos freires de Christo em Thomar, sejam restituidos áquelle edificio, para serem convenientemente collocados, conforme lh'o representou o inspector geral das obras publicas do reino, a quem v. s. os deverá mandar entregar, depois de haver feito restaurar aquelle d'entre os quadros que se acha deteriorado, segundo se deprehende do seu supracitado officio. Deus guarde a v. s. secretaria de estado dos negocios do reino, 28 do agosto de 1845.—Ill.mo sr. vice inspector da Academia das Bellas Artes.—*Visconde de Tilheiras*.

Está conforme.—*Francisco Vasques Martins*, professor e secretario da Academia.»

A casa, e quinta de Thomar, e a habitação do presidente do conselho em Lisboa, continuam tambem a dar aos insasiaveis calumniadores pretexto para as mais pomposas descripções. Não é portanto fóra de proposito transcrever aqui os titulos dessas tão decantadas propriedades, para o publico vêr como o embusto transforma as cousas. O castello de Gualdim Paes, o palacio da Calçada da Estrella ficarão reduzidos ás suas naturaes proporções. Examinem-se os preços porque foram *em hasta publica* compradas estas propriedades, veja-se egualmente a especie de moeda, com que foram pagas, e depois conclua se o que ha de maravilhoso em tudo isto.

«Senhora! Tenho a honra de levar á presença de Vossa Magestade a certidão inclusa, passada pelo Thesoureiro geral d'este estabelecimento, que me foi pedida em nome do ministro e secretario de estado dos negocios do Reino, por officio da data de hoje, assignado pelo official maior do mesmo ministerio. Lisboa e sala da direcção do Banco de Portugal, 1 de dezembro de 1849.—*José Cordeiro Feyo*, vice-presidente do Banco de Portugal.»

Certidão a que se refere o documento supra

«Em virtude da ordem do ex.mo sr. vice-presidente da direcção do Banco de Portugal, certifico que revendo o livro 3.º dos depositos particulares d'este estabelecimento, n'elle a folhas 138 se acha conta aberta ao ministro e secretario d'estado dos negocios do Reino, em credito de cuja conta está lançada a quantia de 4:757$505 em moeda metalica, que teve entrada n'esta thesouraria geral, em 17 de novembro do corrente mez de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios do Reino, o ex.mo conde de Thomar, a fim de ser remettida ao encarregado do Agencia Financial em Londres, para despeza a cargo da referida Agencia. Thesouraria Geral do ministerio da fazenda, em 7 de novembro de 1849.—*João Maria de Carvalho e Oliveira*».

«Ill.mo e ex.mo sr.—Authorisado pelo ex.mo Ministro e secretario de estado d'esta repartição rogo a v. ex.ª que se sirva de mandar extrahir do livro dos depositos que se fazem n'esse estabelecimento, e remetter logo a este ministerio, uma certidão do que constar ácerca do deposito de certa somma que fôra com effeito ahi depositada no dia 17 do mez proximo passado, á ordem do mesmo ministro e secretario de Estado. Deus guarde a v. ex.ª Secretaria de Estado dos negocios do Reino, em 1 de dezembro de 1849. — Ill.mo e ex.mo sr. presidente da direcção do Banco de Portugal, ou quem suas vezes fizer.—*Joaquim José Ferreira Pinto da Fonseca Telles*.»

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense,* em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS
E
PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico,dito ao (frasco de 100 grammas),io do formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de nino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangea de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue,limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse,bronchite,asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a suavitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas,tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa,limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão,Nervoso,Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis,e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª,rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

FUNDIÇAO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879,* acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar,* da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substitnir as melhores marcas estrangeiras. E podemos acrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente. o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas,* que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos,* são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating,* e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças,curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaese-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc.. etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopodista,** fazendo o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas de pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120 !
Matelaçez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA 33 A 41,

As pessoas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr.=2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz

AVEIRO

UMA COCHEIRA NO COJO

Trata-se com suas donas em Estarreja.

AMA DE LEITE

OFFERECE-SE uma. Na typographia d'este jornal se diz.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro,incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES

PARA PIANO E CANTO

por

Cesar das Neves e Gualdino de Campos

Summario do 1.º fasciculo:—«As melodias portuguezas,» prologo por Theophilo Braga; «O lavrador da arada,» lenda religiosa; «Canção do figueiral,» trobadoresca, com uma traducção por Anthero do Quental; «Canna verde,» chula de Braga; «Então és o meu amor,» descante de Amarante; «Oh que saleiro!» choreographica de Penacova.

Preço do fasciculo de 16 paginas, para os assignantes, 200 réis; avulso 400 réis.

Empreza editora Cesar, Campos & C.ª rua da Fabrica, 80, Porto.

A' venda em todas as livrarias e armazens de musica.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

—(*)—

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

«Dona Maria, por graça de Deus Rainha de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'além mar em Africa, etc. Faço saber aos que esta minha carta de pura e irrevogavel venda, virem, que, precedendo as diligencias, annuncios e solemnidades da lei e estylo, arrematou em hasta publica, perante o tribunal do thesouro publico no dia vinte e um de fevereiro de mil oitocentos quarenta e cinco, o conselheiro Antonio Bernardo da Costa Cabral, por seu procurador Manuel Gomes da Costa São Romão, pela quantia de *um conto cento e um mil réis,* a pagar na conformidade do § 1.º do artigo 1.º da carta de lei de oito de junho de mil oitocentos quarenta e um, uma parte do claustro do extincto Convento da Ordem de Christo em Thomar, denominado dos—Corvos—que comprehende ao poente o prolongamento de cinco cellas, com seu corredor de serventia e varandas que dominam o pateo, chamado dos—Carrascos—e pelo sul a casa da livraria, que tem janellas para a horta do chouro, com seu corredor e quartos annexos, a que corresponde o plano baixo, que servia de colleiro; partindo todas estas casas com a côrca, e pelo norte com o dito pateo dos Corvos; ficando o mesmo arrematante obrigado a tapar á sua custa as duas portas, que, nos corredores do primeiro e segundo andar, communicam com os dormitorios, bem como as janellas dos ditos corredores e arcadas debaixo, que lhe correspondem, fazendo se a serventia pelo dito pateo dos Carrascos, ou por onde melhor convier, sem comtudo se devassar, ou causar prejuizo á parte restante do convento, conforme se annunciou para venda na lista 153 sob n.º 8:475. E tendo o dito arrematante satisfeito no dia quatorze de março de mil oitocentos quarenta e cinco, nas caixas centraes, o preço da sua arrematação, sendo em dinheiro de metal *trezentos e sessenta e sete mil réis,* em papel moeda *trezentos e sessenta e sete mil réis,* e em titulos de credores de bens Nacionaes *trezentos e setenta mil réis,* cedendo n'esta especie tres mil réis a favor da fazenda, como tudo consta das respectivas cautelas do mesmo pagamento: Hei por bem transmittir ao mencionado conselheiro Antonio Bernardo da Costa Cabral por irrevogavel e pura venda toda a posse e dominio

«A folhas cento e oitenta e a folhas cento e oitenta e quatro do livro cento e vinte e sete da receita, que serve com o deputado thesoureiro José Maximo Pedrozo dos Santos, e mais deputados da junta do deposito publico, lhes ficam carregados tres contos setenta e um mil setecentos e dois réis e meio, e tirados cento e sessenta réis d'este conhecimento, carga e sello fica tres contos setenta e um mil quinhentos e quarenta e dois réis e meio, e abatidos trinta mil setecentos e quinze réis de um por cento, fica liquido no cofre, tres contos quarenta mil oitocentos e vinte sete réis e meio. Que depositou o ex.mo Conselheiro de estado Antonio Bernardo da Costa Cabral, que com cento e oitenta e oito mil e noventa e sete réis e meio, da meia siza e direitos addicionaes que pagou, e com setecentos e dois mil réis de capital da parte do fôro, que se não havia levado em conta na avaliação, bem como com a quantia de quatrocentos e quarenta mil e duzentos réis do laudemio, que tambem não foi comtemplado na dita avaliação faz e total de *quatro contos quatrocentos e dois mil réis,* preço porque arrematou por seu procurador o ex.mo conselheiro Diogo Antonio Corrêa de Sequeira Pinto, em praça publica de leilões, uma propriedade de casas na Calçada da Estrella numero noventa e seis, e para a travessa de Santa Gertrudes numeros um a cinco, que é uma casa nobre com jardim e quintal, e um portão para a rua de S. Bernardo, Freguezia de Santa Isabel, foreira á fazenda nacional em setenta e cinco mil e cem réis, como agora se verificou, em que foi penhorado Antonio Nicolão de Moura Stockler, e sua mulher D. Anna Isabel Pusich, a requerimento dos administradores da massa da casa de José Rodrigues de Magalhães, e Francisco Xavier da Maia, pela quinta vara, escrivão Antonio Emygdio Marques; deposita com os encargos seguintes: fóros e decimas devidas até o dia da arrematação, direito de partilhas ou tornas d'ellas, etc., e com todos os mais encargos constantes do termo da arrematação. Lisboa vinte e oito de maio de mil oitocentos quarenta e cinco.—*Antonio Vellozo da Fonseca Ferreira—Machado—Ezequiel Henriques Chaves—José Maximo Pedrozo dos Santos.*»

(1) Esta declaração está authenticada na redacção com a assignatura do sr. conde do Tojal.

rente anno. Thesouraria geral do Banco de Portugal, em 1 de dezembro de 1849.—*Luiz Manuel Gorçalves Vianna,* thesoureiro geral.—Logar do sello do Banco de Portugal.»

A Revolução de Setembro teve tambem a sua vez. Vendo que os episodios modernos não faziam fortuna, creou uma curiosa legenda de tempo antigo de—«uns magnificos presentes, que o conde do Tojal offereceêra quando foi feito conde ao seu collega conde de Thomar»—(cousa de que ninguem fallou n'aquelle tempo). No *Diario do Governo* n.º 283 de 30 de novembro foi desmentida esta recordação mentirosa do modo seguinte:

«Estamos competentemente authorisados para declarar falso e calumnioso tudo quanto publicou a *Revolução de Setembro* no seu n.º 2312 sobre presentes offerecidos pelo sr. conde do Tojal ao sr. conde de Thomar, em consequencia de aquelle titulo que Sua Magestade se dignou conferir-lhe; e bem assim todas as expressões que se attribuem ao sr. conde do Tojal por este motivo.» (1)

O Patriota porém, que a ninguem cede a palma no requinte da falsidade, lançando-se tambem no espaço mais vasto do *temporis acti,* e com a imaginação impressionada das scenas brilhantes do Templo de Salomão, criou para o conde de Thomar (que muito lhe deve agradecer)—«*um serviço de ouro,* com que o *opulento* ministro hospedou a sua Soberana na sua casa de Thomar em 1843—e tão rico era elle, que a Rainha se espantou de o vêr—!!!...» Espanto devia por certo causar á Augusta Pessoa involvida n'esta fabula a leitura de um tal artigo, e a audacia do impudente jornalista, que se atreveu quasi que a invocar o seu real testemunho para sanccionar uma tão insigne mentira! Mas este maligno conto arabico não foi inventado para se acreditar em Portugal, aonde ningnem ignora, que na mesa do conde de Thomar jámais se viu uma só peça de ouro. Foi escripto adrede para uso do *Morning-Post* na sua defeza; por isso que na verdade a posse de um *um serviço de ouro,* tão esplendido e custoso, daria certo ar de probabilidade á calumnia das 158:000 lb. st. delapidadas; e suppoz-se poder fazer acreditar em Londres (aonde ha serviços de ouro) o que em Lisboa não passa de uma atroz e despresivel zombaria... *Quid dicam amplius?*

Ainda não pára aqui a maldade. Do convento de Christo em Thomar tinham vindo competente e legalissimamente uns quadros á Academia das Bellas Artes de Lisboa para alli serem restaurados, e depois restituidos ao mesmo convento. A calumnia converteu logo o que era diligencia e zêlo na conservação de taes monumentos d'arte em abusos do poder, e espalhou que esses quadros tinham ido, ou iriam para casa do conde de Thomar n'aquella cidade. Tambem a isto respondem devidamente os seguintes documentos:

«Sr. redactor do *Diario do Governo.*—Não é para fazer um serviço ao sr. presidente do conselho de ministros, mas sim, para aclarar a verdade, que eu vou incommodar a v., a fim de fazer-me o especial favor de inserir n'um dos primeiros numeros do *Diario* o que passo a expôr.

Veio parar ás minhas mãos o supplemento burlesco a um dos numeros do *Patriota,* e n'elle li com admiração, que o sr. presidente do conselho pretendia fazer á Academia das Bellas Artes de Lisboa um roubo de uma rica collecção de quadros a oleo: e na carta de Braz Tizana, inserta no Periodico dos Pobres no Porto, de 27 de novembro findo, o que se segue.—«Dizem que ha grande desintelligencia entre alguns Lentes da Academia das Bellas Artes, sobre a pretenção do ministro do Reino, a respeito da restituição da bella collecção de quadros a oleo, que pertenciam ao Castello de Gualdim Paes, e que estavam na Academia!!

Declaro pois na *qualidade de Professor, e á fé de secretario,* que sou da Academia das Bellas Artes de Lisboa, que a mesma Academia é estranha a tudo quanto se diz no alludido supplemento, e carta de Braz Tizana; e que são falsas e calumniosas similhantes accusações.

Talvez, sr. redactor, a maldade de alguem queira tirar partido de uma commissão que ha cinco annos foi dada á Academia por ordem do governo, confundindo maliciosamente